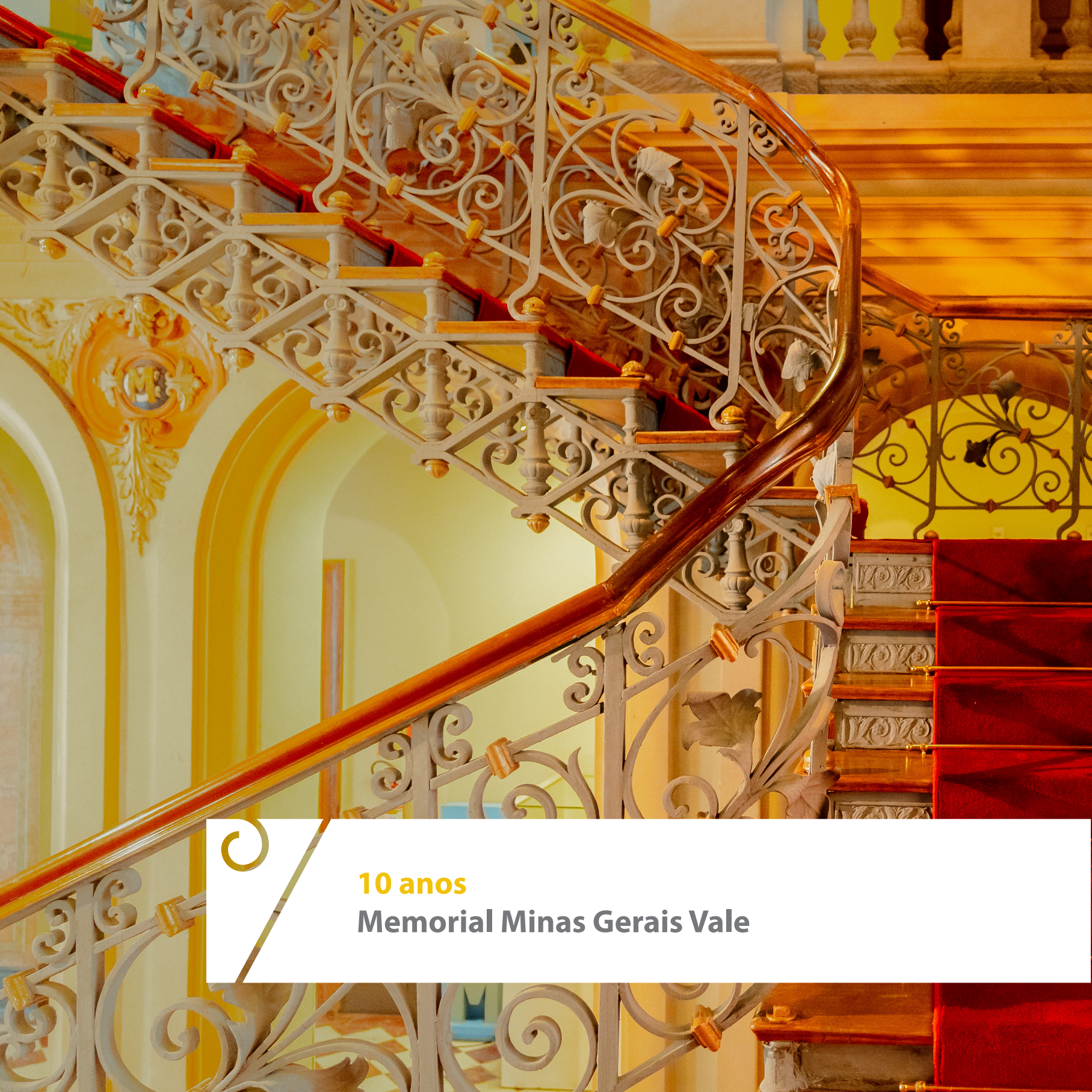


10 anos

Memorial Minas Gerais Vale



10 anos
Memorial Minas Gerais Vale

Agradecemos a todos os funcionários, parceiros, artistas e produtores que contribuíram, nestes 10 anos, para que o Memorial Minas Gerais Vale pudesse exercer seu papel de "apresentar" a cultura e a história do nosso estado e encantar seus visitantes.

De forma especial, agradecemos aos convidados que aceitaram deixar seus depoimentos nestas páginas, trazendo à luz impressões, fatos e sentimentos pessoais.

Nossa gratidão também ao público visitante do MMGV, pelo carinho e pela presença marcantes durante esses 10 anos!

Ministério do Turismo e Vale apresentam

10 anos Memorial Minas Gerais Vale

Gestor do Memorial Minas Gerais Vale: Wagner Tameirão | **Organizadora:** Maristella Medeiros de Paula
Textos: Luz Comunicação – Jozane Faleiro e Wandra Araújo | **Depoimentos:** Anderson Aníbal, Celso Adolfo, Eduardo de Jesus, Flaviana Lacerda de Paula Nascimento, Gilberto Ramos, Gringo Cardia, Heloisa Murgel Starling, Júlio Martins, Mabel Faleiro, Marco Paulo Rolla, Mário Cléber Martins Lanna Júnior, Marislaine Lumena de Mendonça, Olga Lúcia Alves Netto, Patrícia Alencar, Paulo Brant, Rodrigo Toffolo, Tibério França e Viviane Longo
Revisão de textos: Rita Lopes | **Colaboradores:** Bianca Dias, Bruno Lelis, Charles Souza, Jacqueline de Castro, Larissa Altemar, Larissa Sampaio e Smally Rodrigues | **Projeto gráfico:** AD10 Comunicação
Foto da capa: Higor Barreto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

D532 10 anos : Memorial Minas Gerais Vale / [organizadora Maristella Medeiros de Paula. — Belo Horizonte : Associação Memorial Minas Gerais Vale, 2020
100 p. : il. ; 24 cm.

ISBN 978-65-5854-469-2

1. Memorial Minas Gerais Vale - História. 2. Museus de arte - Minas Gerais - História. 3. Museus - Exposições - Brasil. I. Paula, Maristella Medeiros de. II. Título.

CDD 708.98151

Sumário

Institucional 09

Educativo 18

Depoimentos 29

Colaboradores 80



Inauguração MMGV – 30/11/2010 – Foto: Cristiano Xavier

Era maio de 2013, quando criamos o "Boa Noite Memorial", idealizado para integrar a 11ª Semana Nacional de Museus em um horário inusitado para um espaço cultural desse tipo: das 18h às 4h da madrugada. O evento contava com inúmeras atrações como shows, poesia, teatro, DJs, performances, projeções na fachada, atividades dentro e fora do museu, comida, bebida e muita cara de festa. Aos poucos o público entrava e se admirava com os ambientes, interagia com as atrações, que simultaneamente eram apresentadas, e se aglutinava pelos diversos espaços. Pessoas de diversas idades, localidades, gêneros e perfis. Que lugar é este? O que está acontecendo? A reação era de perplexidade e euforia com a liberdade de estar em um museu de um jeito diferente do habitual. E poderíamos até arriscar ao dizer que a quase totalidade dos presentes nunca tinha entrado no Memorial.

Uma outra boa memória. O Educativo prepara por meses a primeira visita para um grupo da Unidade Municipal de Educação Infantil (Umei). Narrativas são construídas, mobiliário das exposições adaptado, vários suportes em mãos e educadores a postos: o grupo chega. Ao longo da visita, os olhos das crianças brilham de alegria e surpresa, e a emoção toma conta da equipe do museu e dos professores.

Adélia Prado, Wilma Henriques e Helvécio Guimarães na Casa da Ópera. Lugar intimista com apenas 30 lugares. Gigantes em um espaço tão pequeno. A palavra para ouvidos atentos que possuem o privilégio daquele encontro.

Retratistas do Morro. Seu Afonso Pimenta e Seu João Mendes adentrando o museu com dezenas de pessoas do Aglomerado da Serra, de Belo Horizonte, em um sábado de manhã, para a abertura da exposição de fotos de momentos festivos e cotidianos da população do bairro entre as décadas de 1970 e final de 1980. Ali nasceu a vontade de ampliar o contato com essa comunidade, com a criação do projeto "Diversidade Periférica".

E cito mais uma passagem. Show do Dexter e convidados dentro do mesmo "Diversidade Periférica". O desejo de fechar a rua e abrigar um maior número de pessoas e, logo, a advertência da curadoria de que era "importante receber o público do show dentro de casa e não do lado de fora", mesmo com a limitação do acesso. E assim seguimos com essa atitude simbólica, que também ampliou o público.

E poderia descrever tantas outras memórias de um Memorial... E assim o museu passou cada vez mais a abrigar diferentes linguagens artísticas e experimentar várias áreas da cultura como artes visuais, música, cultura popular, poesia, teatro, dança, performance, seminários, palestras. É como se o Memorial Minas Gerais Vale, espaço do Circuito Liberdade, fosse uma grande antena sintonizada com a cena cultural de Belo Horizonte e com o interior do estado de Minas Gerais, sempre pautando artistas e produtores independentes.

O que move um espaço cultural é a sua inquietude, e o Memorial sempre se preocupou em ampliar o seu público e romper as barreiras físicas da sua importante edificação tombada em 1977, sede da Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais, para promover novos diálogos e experiências. Um museu é construído de ideais e pessoas.

O programa educativo só cresceu nestes 10 anos. Foi tomando forma e se moldando às vocações do espaço e reinterpretando a exposição de longa duração, sempre com um olhar inovador e tendo o público como protagonista de uma narrativa.

Agradecemos às escolas e instituições que nos visitaram, aos artistas e produtores, à equipe e aos colaboradores do Memorial Minas Gerais Vale e, principalmente, aos nossos mais de um milhão de visitantes.

Wagner Tameirão
Gestor do Memorial Minas Gerais Vale

10 anos do MMGV

O Instituto Cultural Vale acredita que vivenciar a cultura é ampliar as visões de mundo e criar novas perspectivas de presente e de futuro. Pela cultura, inspiramo-nos para transformar o simples em extraordinário.
Ao celebrar uma década do Memorial Minas Gerais Vale, celebramos também Minas Gerais, sua história e suas tradições, suas múltiplas manifestações artísticas e, principalmente, as memórias dos mineiros.

Espaço vivo e pulsante no coração de Belo Horizonte, o MMGV carrega a trajetória, os registros, e traz a contemporaneidade em sua essência. É um museu de experiências, que ao longo dos anos permitiu-se ser escola, praça, oficina, lugar de convivência, de criação, de aprendizagem, de troca. E que se atualiza todos os dias, em contato com os múltiplos públicos que o visitam, experimentam e vivenciam.

O prédio de 1897 foi construído para ser a Secretaria de Estado da Fazenda. É tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – Iepha/MG e foi restaurado para abrigar o Memorial.
Sua arquitetura é uma atração à parte.

Ao longo desses 10 anos muitos encontros foram feitos por meio da arte e da educação, suas principais vias de atuação. São vivências como o projeto Diversidade Periférica, que abre o Memorial para os artistas das comunidades de Belo Horizonte e de seu entorno, que o tornam um museu tão próximo do território do qual faz parte e das populações que nele habitam. Rappers, performers, grupos teatrais, MCs e poetas ocupam o espaço do MMGV com a sua arte há 27 edições. Ou as iniciativas Museu, Lugar de Criança e Memorial para Bebês, que envolvem crianças de várias faixas etárias, estudantes e professores, em ações lúdicas e sensoriais que exploram o acervo do museu e estimulam a aprendizagem.

Realizamos mais de 100 exposições, quase 200 mil visitas mediadas pelo Educativo, produzimos 1.614 eventos culturais e recebemos mais de 1 milhão e 100 mil visitantes. Conquistamos quatro prêmios, entre eles o Prêmio Guia Brasil Quatro Rodas 2012 de Revelação e o VI Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus (2015). E, mesmo na pandemia da Covid-19, o Memorial se fez presente, próximo, dialógico, com uma programação pela internet diversa, gratuita, incluindo artistas locais e do mundo:
ao todo, foram 511 ações on-line de março de 2020 a julho de 2021.

Olhando para essa trajetória até aqui, reverenciamos e reconhecemos, principalmente, a potência dos seus públicos e das parcerias que tornaram possível trilhar esse caminho. Por meio de seu Educativo e da rica programação presencial e virtual, seus diálogos alcançam pessoas para além de seu espaço físico.
É um lugar de valorização de novos artistas e de celebração daqueles consagrados na cena cultural mineira.
O Memorial é um espaço de todos e para todos.

Enfatizamos, cada vez mais, a importância dos museus e centros culturais como espaços do conhecimento, de convivência e de troca de saberes. São, assim, locais fundamentais para potencializarmos o poder transformador da cultura e projetarmos o futuro que queremos em ações do presente.

Luiz Eduardo Osorio
Vice-Presidente Executivo de Relações Institucionais e Comunicação da Vale
e Presidente do Conselho do Instituto Cultural Vale



Foto: Mariana Garcia

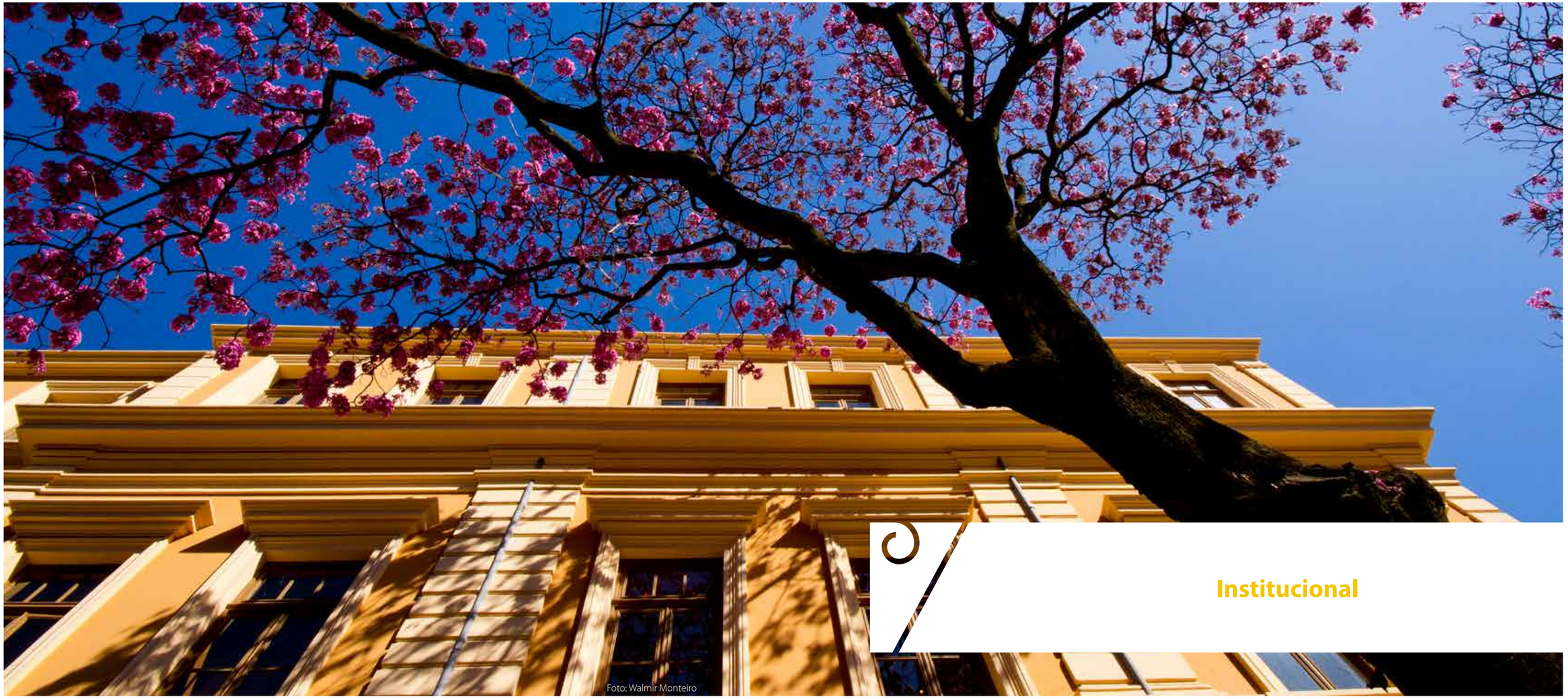


Foto: Walmir Monteiro

Institucional

Celebração à mineiridade

Uma década inspirando pessoas por meio da arte, da cultura e da história das muitas Minas Gerais, que de todos os seus cantos e da singularidade de sua gente dão vida a esse sentimento conhecido como mineiridade. Sentimento que está na essência do Memorial Minas Gerais Vale, que vai além dos conceitos de identidade e de pertencimento.

No Memorial, as mineiridades incorporam o passado, o presente e o futuro, dando vida a um espaço onde a potência da história se funde com as pulsações contemporâneas da arte e da cultura. Um local onde as provocações estão sempre presentes, seja numa ação permanente ou numa iniciativa temporária. É onde a Inconfidência Mineira divide o ambiente com uma Batalha de Passinhos, onde o samba faz roda na Casa da Ópera e os Retratistas do Morro fascinam o asfalto com a sua arte.

Essa diversidade ressoa pelo Memorial, apurando a imaginação e inspirando novas formas de ver e sentir a arte em um museu vivo, um lugar de encontros e de experiências. Lugar onde é possível resgatar uma memória, surpreender-se com uma manifestação artística, parar para respirar, inspirar-se e emocionar-se. Um espaço para contemplar a arte, dar uma pausa na correria da vida e se divertir. Para um grupo de amigos ou para um café solitário, o Memorial está sempre pronto para acolher e encantar.

Encantamento que vem com novos olhares, outras vivências e questionamentos que são despertados pelos flertes entre a arte e a tecnologia, entre o periférico e o central, entre o colonial e o pop digital.

É assim, provocando e compartilhando o talento cultural que corre nas veias de Minas, que o Memorial se faz diverso, dinâmico e encorajador dos mais diferentes fazeres artísticos.

Expressões culturais de cunho étnico-racial e social, de grupos de LGBTQIA+, de pessoas com deficiências, da terceira idade, enfim, estão todos no Memorial numa efervescência que transborda, espalha-se e conquista.

Como o Memorial Itinerante – Africanidades, que percorreu comunidades espalhadas por Minas, com o objetivo de ampliar a discussão e a reflexão a respeito das questões étnico-raciais, propondo ações de fortalecimento das identidades e apropriação das matrizes africanas presentes no nosso país. A iniciativa, idealizada pelo Educativo do Memorial, foi premiada, em dezembro de 2015, conquistando o primeiro lugar, em uma das categorias, no VI Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus, do Programa Ibermuseus, no qual concorreram 147 projetos provenientes de 12 países da Comunidade Ibero-Americana.

O Memorial também conquista por estar além de suas paredes, por ser um espaço sem muros, que está dentro, mas também está fora. Projetos como o Boa Noite Memorial e o Bom Dia Memorial extrapolam as fronteiras físicas do museu. São vitrines da multiplicidade artística e da valorização dos nossos talentos culturais, que seguem fascinando pessoas em suas edições. Shows, performances, leitura dramática, saraus, exposições, intervenções artísticas, dança e ações educativas / interativas surpreendem gente grande, à noite, e, pela manhã, chega a vez dos pequenos, que ganham uma programação com atrações voltadas para o universo infantil.

Um museu de experiências

Ao subir as escadarias de entrada no Memorial Minas Gerais Vale, uma jornada espera os visitantes aproximando-os do sensível, do poder transformador da arte, da multiplicidade e das particularidades do território, da cultura e da gente de Minas Gerais.

Em uma das salas, um ipê rosa florido traduz os sertões de Guimarães Rosa. A desabrochada árvore oferece, simbolicamente, uma flor com trechos da principal obra de um dos gênios da literatura brasileira. E o visitante pode levar para casa um pouco da genialidade do autor. "Eu era uma terrível inocência. E de tudo miúdo eu dava de comer à minha alegria."

Alguns passos adiante, a poesia de outro mestre, Carlos Drummond de Andrade, ganha o corpo de manequins confeccionados por Ronaldo Fraga, mostrando que a moda é também uma forte expressão da criatividade de Minas. No mesmo ambiente, em ouvidos atentos, ecoam versos do poeta itabirano.

E mais um exemplar de mineiro criativo, do olhar sensível e do gesto corajoso se encontra logo mais nessa jornada pelo Memorial. Sebastião Salgado - e seus registros em preto e branco - sensibiliza, emociona e evidencia sua profunda responsabilidade ética e social, seja numa foto analógica ou num filme digital. E quantas Minas cabem nesse olhar…

Assim, seguindo numa mistura do real com o virtual, do passado com o presente e o futuro, o Memorial reconstrói o universo de escritores mineiros, o mundo das fazendas, das populações indígena e quilombola, do barroco, das festas populares, do artesanato, da política e da arqueologia do solo mineiro.



Foto: Guto Muniz

É um espaço pluralista e multifacetado que acolhe vários tipos de manifestações e de pessoas. Não só aquelas que entram pelas suas imponentes portas gradeadas em ferro, mas todas as que se abrem e se apropriam das diversas experiências culturais, históricas e sensoriais que extrapolam os limites espaciais do Memorial.

Pessoas que levam na bagagem um pouco de Minas Gerais, depois da oportunidade de vivenciar as preciosas mineiridades. Há também pessoas que se emocionam por se conectar com algo maior, por conhecer mais de si mesmas, de suas raízes ou de diferentes modos de vida e realidades numa fotografia, num poema, numa obra de arte.

Pessoas que estão entre as mais de 1 milhão e 100 mil daquelas que experienciaram o Memorial e suas ações, vindas da América e de todos os continentes. Essa saga de descobertas e emoções ainda tem no seu enredo mais de 1.600 eventos e cerca de 200 mil visitas mediadas.

Não por acaso, o Memorial é reconhecido como o nº 1 entre os 57 museus de Belo Horizonte, pelo Tripadvisor, recebendo, de 2014 a 2020, o certificado de excelência - Travellers' Choice Awards - desse que é um dos maiores sites de viagem do mundo.

Casa aberta

E no meio de todas as suas vertentes, o Memorial também busca ser o espaço do fazer artístico, um impulsionador da diversidade cultural, um fomentador da arte. É um museu que se distancia da sacralidade e vai muito além ao agregar, dar suporte e valorizar a produção artística, por meio de editais, de convocatórias e de seus palcos abertos para a diversificada produção cultural.

Uma dessas ações é o Edital Novos Artistas, que apoia e dá visibilidade à vasta produção contemporânea do estado, sobretudo de artistas em início de carreira. A iniciativa busca, ainda, proporcionar maior amadurecimento dos trabalhos e a potencialização das obras.

Artistas também são convidados para fazer parte de apresentações culturais do museu. Por meio da Convocatória de Programação, o Memorial se abre para shows, peças de teatro, dança, performances, apresentações circenses, fotografia, artes visuais, audiovisual (vídeo e curta-metragem) e saraus literários de talentos da nossa cultura.

Além dessas ações, o Memorial, em parceria com o Instituto Cultural Vale, por meio do Edital Apoia, premia grupos, agentes e fazedores da cultura popular e comunitária brasileira. Assim, abre caminhos para que eles representem as formas dos fazeres e saberes que tornam a cultura brasileira tão plural, pelas mais diversas linguagens artísticas.

E mesmo em um dos períodos mais tristes da história da humanidade, provocado pela pandemia do coronavírus, o Memorial assumiu o papel de ser espaço de troca, fortalecendo conexões com artistas, produtores culturais e público. Um alento para quem vive da arte e para quem revive com a arte.

Provocado a repensar seus conteúdos criativos nos diversos ambientes e canais de informações na pandemia, o Memorial fortaleceu sua atuação on-line. Expressões e manifestações da cultura local como música, sarau literário, artes cênicas, artes visuais e audiovisual ocuparam a programação do museu de forma virtual, levando novas e enriquecedoras experiências para o público. Mais de **360 atividades artísticas** foram realizadas por agentes de cultura de Minas em plataformas digitais e disponibilizadas pelos canais virtuais do museu, **entre março e dezembro de 2020**.

Inaugurada em 2010, a museografia do espaço é assinada por **Gringo Cardia**, **referência mundial em cenografia**, e a pesquisa histórica foi coordenada pela renomada historiadora e professora **Heloisa Starling**.

Com suas **inovadoras experiências de visitas e interação**, pautadas numa **linguagem expográfica contemporânea**, marcada pelo amplo uso de tecnologias digitais, o Memorial tem contribuído, significativamente, durante esses dez anos, para a produção e o **compartilhamento de conhecimento** nas mais diversas áreas.

Em muitas salas, a **tecnologia** é usada em conjunto com cenários e objetos tradicionais para criar um **espaço rico e futurista**, ressaltando as experiências e proporcionando um **novo olhar para o passado, a história e a mineiridade**.

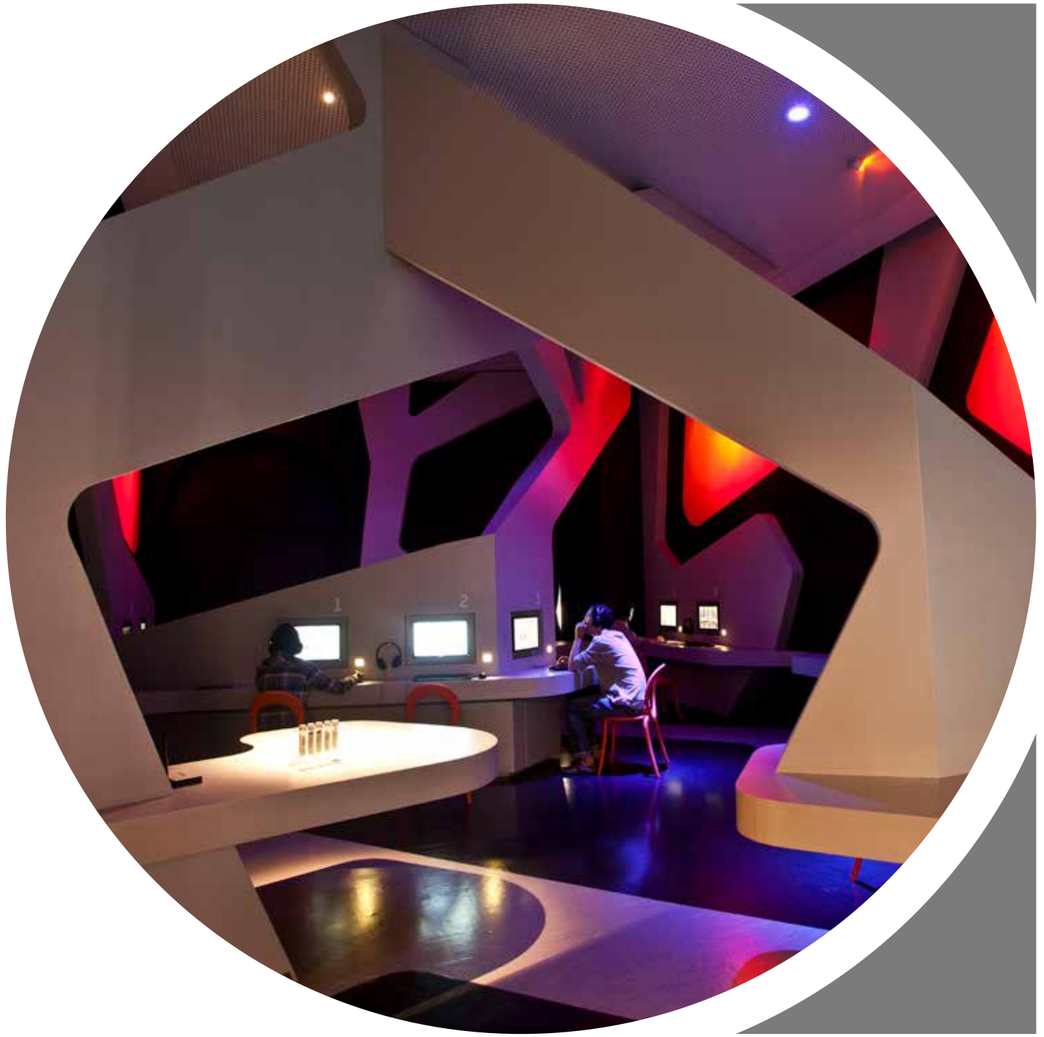


Foto: João Marcos Rosa - Nitro Imagens

1.120.627 Público presencial

6.820 Visitas mediadas

195.371 Público atendido pelo Programa Educativo

1.614 Eventos presenciais realizados

Memorial Minas Gerais Vale 10 anos em números

Parte do **Circuito Liberdade,** maior complexo de museus do país

Eleito pelo Tripadvisor o **nº 2 de 222** atividades em BH e o **1º lugar na categoria museus**

Programa Educativo **premiado pelo Ibermuseus,** entre 147 projetos de 12 países (2015)

O **Projeto Memorial Itinerante** percorreu 9 localidades com o **Africanidades** e 12 com o **Mineiridades**



Foto: Guto Muniz

7

Educativo

Encantar, inspirar e aprender

A transcendência que a conexão entre cultura e educação pode provocar embala os dias e as noites do Memorial Minas Gerais Vale. Seu programa Educativo, que tem a alteridade como um de seus pilares, ao longo desses 10 anos trouxe sensibilidade, curiosidade e encantamento para a vida de muita gente.

"Pensar no outro" está na essência do trabalho realizado pelo Educativo. Em todas as ações planejadas, a equipe formada por artistas, historiadores, museólogos, professores, pedagogas e pesquisadores tem na prática da empatia um caminho para fazer com que as pessoas se identifiquem e se apropriem do espaço. São profissionais que preparam cada detalhe da visita que é mediada, instigando o visitante a trazer suas memórias, suas raízes, sua ancestralidade e suas vivências pessoais para aquele momento em que se dedica a explorar o acervo do Memorial Vale.

O Educativo é capaz de proporcionar experiências de maravilhamento, que muitas vezes não ficam guardadas na gaveta. Não é raro, por exemplo, uma criança, que conheceu o museu com a escola, voltar com familiares.

O maravilhar-se também pode inspirar a busca por conhecimento, o aprofundar do saber e o despertar da sensibilidade. Na curiosidade de quem se instiga com o novo e o diverso, e na emoção de quem se depara com uma memória de infância, esse maravilhamento mais uma vez se revela.

Não por acaso, o programa Educativo do Memorial Vale é referência no estado e tem sido objeto de pesquisa de acadêmicos de áreas diversas do conhecimento, tais como museologia e pedagogia.

Cotidianamente, o Educativo promove diálogos entre a educação e a cultura por meio das diversas ações às quais se dedica. Oficinas, produção de pesquisas e conteúdos digitais, criação de material de apoio pedagógico e mediação de visitas são alguns dos caminhos para aproximar o Memorial de seus diversos públicos.

Caminhos que se traduzem na busca por um movimento autorreflexivo do olhar e de sua transformação em visões nascidas da bagagem cultural de cada visitante. Caminhos sem atravessamentos e que dão liberdade para todos serem protagonistas das vivências que o Educativo motiva. Essa é a ideia que compreende a acessibilidade como um elemento que também está na essência do museu.

Idosos, pessoas com deficiência, adultos, jovens, crianças. Todos encontram no Memorial oportunidades para

vivenciar a arte e suas potencialidades. Os educadores intervêm pontualmente para mediar e encaminhar, com a ideia de alimentar conexões, ajudar na criação de um ambiente propício à experimentação, à construção de conhecimento e ao encantamento.

Mais do que elevadores, barras de apoio, guia multimídia, o Memorial tem uma equipe que faz com que a acessibilidade não seja apenas uma regra a ser cumprida. São pessoas engajadas em promover experiências significativas ao público, instigando todos os sentidos em um caminhar sem barreiras, instintivo, intuitivo e fascinante. Pessoas que transformam o Memorial em um espaço de todos e para todos.

Um museu, vários percursos

O Educativo propõe roteiros que proporcionam vivências que tocam corações. Por meio dos eixos temáticos apresentados, as pessoas podem imergir no espaço e explorar pautas como africanidades, república, artes visuais, literatura, infância, cartografia e muito mais.



Foto: Guto Muniz



Foto: Equipe Educativo MMGV



Foto: Equipe Educativo MMGV



Foto: Light Press

Imergir no Memorial também é, literalmente, possível, estando fora de suas paredes. Pelo projeto **Memorial Itinerante**, que traz duas mostras em seu escopo – **Africanidades** e **Mineiridades** –, o Educativo pretende provocar intelectual e filosoficamente o público do interior mineiro, além de ampliar o acesso ao museu.

A mostra Africanidades, desde 2015, percorre cidades de Minas, levando um recorte do acervo do Memorial, colocando em evidência e discutindo questões étnico-raciais e os aspectos relacionados à matriz africana e sua influência na nossa sociedade. E, desde 2017, a mostra itinerante Mineiridades também tem levado parte do acervo do Memorial pelo interior do estado, compartilhando as identidades do "ser mineiro".

As duas iniciativas incluem ações do Educativo, que visam à capacitação de profissionais da área da educação e agentes culturais das localidades que recebem as mostras, no que se refere a questões de identidade e educação patrimonial. Africanidades e Mineiridades ampliam olhares, permitem novas visões. Por meio delas, outras realidades se revelam ou realidades conhecidas ganham nova dimensão.

Instigar e encantar também é uma premissa do Educativo para os pequenos visitantes. Pelo projeto **Museu, Lugar de Criança**, um novo mundo é apresentado para os olhinhos curiosos de jovens exploradores.



Foto: Equipe Educativo MMGV



Foto: Equipe Educativo MMGV

Explorar! Atitude que traz em si a surpresa dos cidadãos mirins que descobrem que esse museu não é apenas um lugar de contemplação. Munidos de um mapa, uma lanterna, uma lupa, um espelho e um binóculo, que compõem o **Kit da Infância**, criado pelo Educativo, as crianças traçam a sua própria trilha de descobertas, sentidos e significados.

Elas também vivem experiências lúdicas com atrações pensadas especialmente para o público infantil. Por meio da arte do brincar, o Educativo incorpora o lúdico e o faz de conta, proporcionando momentos de fascínio enriquecedores para as crianças.

E também para os bebês! No programa **Memorial para Bebês**, o Educativo propõe atividades que se respaldam em propostas que estimulam a multissensorialidade e a autonomia, além de criar possibilidades de encontros e aprofundar a relação das famílias com o espaço.

Espaço que acolhe a todos, familiar, fraterno, aberto para novas experiências. Como as que são proporcionadas pelo **Educativo Aberto**, programa que seleciona alunos universitários que tenham projetos pedagógicos ligados aos temas e ao acervo do Memorial. O público-alvo dessa iniciativa abarca escolas, creches, Organizações Não Governamentais (ONGs), Centros de Referência de Assistência Social (Cras), Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) e outras instituições sociais de Belo Horizonte.

Por meio do projeto **Novos Pesquisadores**, o Educativo do Memorial se faz, mais uma vez, uma janela para produção acadêmica, colocando em evidência, ao transformá-los em exposições, trabalhos de dissertações e teses defendidas em mestrados ou doutorados, nos últimos cinco anos, nas áreas de Ciências Humanas. Os trabalhos escolhidos dialogam com as exposições de longa duração do Memorial ou com os percursos temáticos desenvolvidos pelo Educativo.

Trocar experiências por meio do diálogo entre o Memorial Vale e a comunidade escolar está no escopo do projeto **Encontro entre Educadores**, que a equipe do Educativo realiza mensalmente reunindo educadores e profissionais interessados em conhecer o trabalho educacional desenvolvido no museu.

Em tempo de pandemia

A ampliação da presença on-line do Memorial durante a pandemia motivou o Educativo a criar ações para o ambiente virtual. Como o **Dicas Pretas**, com sugestões de filmes, livros, sites, podcast e outros, que abordam questões étnico-raciais. Tem ainda o **Sementes da Diáspora**, projeto já existente no Memorial, que foi adaptado para acontecer de forma on-line e que busca valorizar personalidades negras invisibilizadas na sociedade.

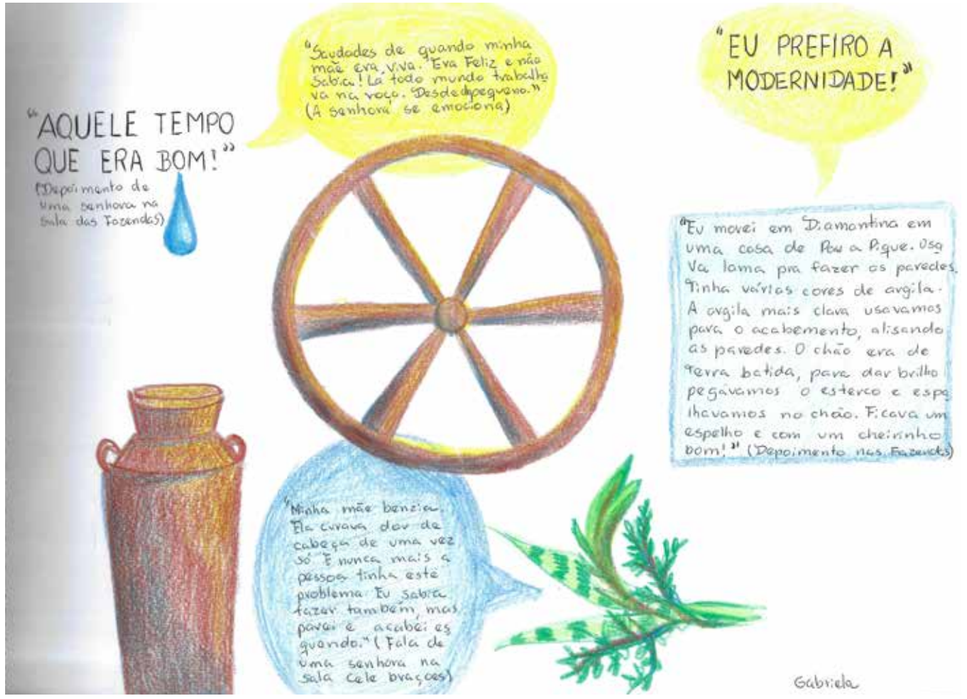
O projeto **Férias Divertidas**, que ocorre nos meses de janeiro e julho, durante as férias escolares de cada ano, também foi levado para o ambiente virtual no período da pandemia. Voltado, inicialmente, para crianças e adolescentes, oferece oficinas sobre as mais diversas temáticas e vem abrangendo outras faixas etárias nos últimos anos. São várias ações e oficinas preparadas para crianças e adultos se divertirem em casa, aproximando o público da arte e proporcionando momentos de alegria e respiros em tempos de isolamento.

O Educativo do Memorial Minas Gerais Vale está atento a cada público e desenvolve programas com conteúdos e mediações específicos. **São projetos do Educativo:** Memorial Itinerante - Africanidades e Mineiridades -, Museu, Lugar de Criança, Memorial para Bebês, Férias Divertidas, Educativo Aberto, Novos Pesquisadores, Encontro entre Educadores, Sementes da Diáspora e Dicas Pretas.





Registros do Educativo



Ensinando a olhar

Olga Lúcia Alves Netto
Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira da Escola Estadual Tomás Brandão



Foto: Olga Lúcia Alves Netto

Era uma vez... o 7° ano do TB (Tomás Brandão) no Memorial Minas Gerais Vale

"Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: – Me ajuda a olhar!"

Eduardo Galeano – O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 2016.

Um visitante, já distante no passado, veio, inesperadamente, fazer-me uma provocação: escrever sobre uma visita que nossa escola fez ao Memorial e sobre o trabalho realizado nas nossas turmas de 7º ano, em 2015.

Ao ser provocada a escrever este texto, evidentemente, como todo mundo, fiquei pensando... por onde começaria... Um misto de emoções me assaltou: surpresa pelo convite, saudade dos alunos – estamos agora em teletrabalho –, vaidade e orgulho pelo reconhecimento, uma certa nostalgia. E, enquanto Charles, o visitante, dava as instruções, ia puxando os fios da memória…

Estávamos lendo livros literários com temática da cultura popular, o interesse era grande, então, perguntei se já tinham ido a algum museu, e apenas um aluno já tinha ido. Perguntei se gostariam de fazer uma visita, alguns resistiram, disseram que era coisa de "velho", entre outros estereótipos que sabemos correr sobre uma visitação. Mesmo assim, marquei a visita ao Memorial para as quatro turmas, e seriam dois dias de visitação.

Já conhecia o trabalho de acolhimento e de monitoria do Memorial, bem como os percursos da visita, e gostava muito. Data marcada, começou a epopeia do ônibus e de convencimento de alguns alunos que queriam aproveitar para ficar em casa dormindo. Ônibus conseguido (na escola estadual não se fornece esse transporte), ainda tínhamos alguns resistentes, pais perguntando se era mesmo necessário, alunos dizendo que preferiam aula, mas outros já combinando até o lanche (aspecto importantíssimo numa excursão). Ao fim, e ao cabo, todos os pais e alunos convencidos da importância, autorizações em mãos e animação geral.

Percebi que, inicialmente, era medo que os segurava. Medo do desconhecido, medo de não ser aceito no lugar e, sinceramente, acredito, medo de gostar… Saímos. Fotos no ônibus, cantoria, muitos dizendo que nem dormiram direito esperando a hora de ir, outros dizendo que tinham sonhado, portanto, havia grande expectativa.

Chegamos 40 minutos mais cedo, assim, aproveitei para dar uma aula sobre a arquitetura da Praça da Liberdade. Estavam encantados. Finalmente, encontramos Charles e os outros educadores, aos quais peço perdão pelo esquecimento dos nomes. Fomos muito bem acolhidos e, enquanto davam instruções, observava que os olhos estavam vidrados no teto do Memorial, nas colunas, estavam realmente surpresos…

Durante a visita, comentários do tipo: "Ah.. isso tem na casa do meu avô", "Minha prima participa do congado" ou "Tem um congado perto da minha casa"... Amaram a sala dos Inconfidentes, as projeções, a sala das assombrações, o caminho dos tropeiros, enfim, de olhos brilhantes, e muito, muito satisfeitos e felizes com o novo aprendizado. Ao sair, uma aluna descendo as escadas disse: "Professora, estou me sentindo uma rainha... Tudo tão chique!!!".

Já no ônibus, para ir embora, alguns alunos me procuraram e disseram: "Professora, vamos fazer um museu na escola? E a gente podia fazer assim, igual a esse...". Confesso que levei um susto com a proposta. Mas pensei: se estão propondo, de um lado é porque querem dividir o que conheceram, de outro, é porque se identificaram.

Essa talvez tenha sido a maior importância da visita: provocar uma identificação orgulhosa. Ver-se representado, sentir que aquilo que é história em sua família está ali no Memorial.

Assim, montamos um museu na escola. O dia não poderia ser melhor: um sábado de Festa Junina.
Muita gente reunida, e os alunos exigiram que convidássemos os educadores do Memorial.

Uma sala era a cozinha e tinha utensílios domésticos, como colher de pau, gamela, lamparina, fogão a lenha, e uma professora e um aluno tocando e cantando música caipira tradicional. Dois alunos projetavam sobre as fazendas mineiras e davam explicações sobre a vida no interior – roça. Outra sala tinha o mapa de Minas, e cada um que visitava procurava a cidade de origem das famílias, sendo que muitos deixaram recadinhos. Nessa sala, também estavam em exposição as fotos que tirei durante a visita, tornando-se uma surpresa para eles. Uma terceira sala foi a dos Inconfidentes. Organizamos reproduções de imagens de Tiradentes, Bárbara Heliodora, Joaquim Silvério dos Reis. E os alunos as colocavam na frente do rosto e faziam uma breve apresentação. Finalmente, a mais esperada, a sala das assombrações. Organizamos como um programa de rádio: dois alunos contavam as histórias do fantasma da Lagoinha, enquanto outra figura fantasmagórica de BH percorria a sala num skate. Em seguida, alunas representaram o poema Canção da Moça Fantasma de Belo Horizonte. Vestidas de preto e com o rosto pintado de branco, falavam com voz cavernosa.

Como foi definido pelos alunos, dois ficavam do lado de fora de cada porta para controlar o número de pessoas que entravam. O desejo deles era estar o mais próximos possível da visita ao Memorial. Inclusive, reproduziram as dinâmicas que vivenciaram através dos educadores, como olhar através do espelho, entrar com os olhos vendados... Enfim, "reproduzir" aquela experiência e compartilhá-la era o grande desejo.

Não tenho fotos desse momento, porque eu as dei todas para os alunos após a exposição. Mas qual a importância do Memorial? Imensa. A visita despertou um prazer pelo conhecimento, uma felicidade com aquela descoberta de pertencimento, indescritível. As coisas simples são as mais complexas, e é muito complexo ensinar a olhar... O Memorial fez isso com aqueles meninos e meninas de uma maneira carinhosa, acolhedora e respeitosa. Não sei onde aqueles jovens estão hoje, mas sei que aquela visita, que Charles e sua equipe proporcionaram, fez uma inscrição no coração deles.

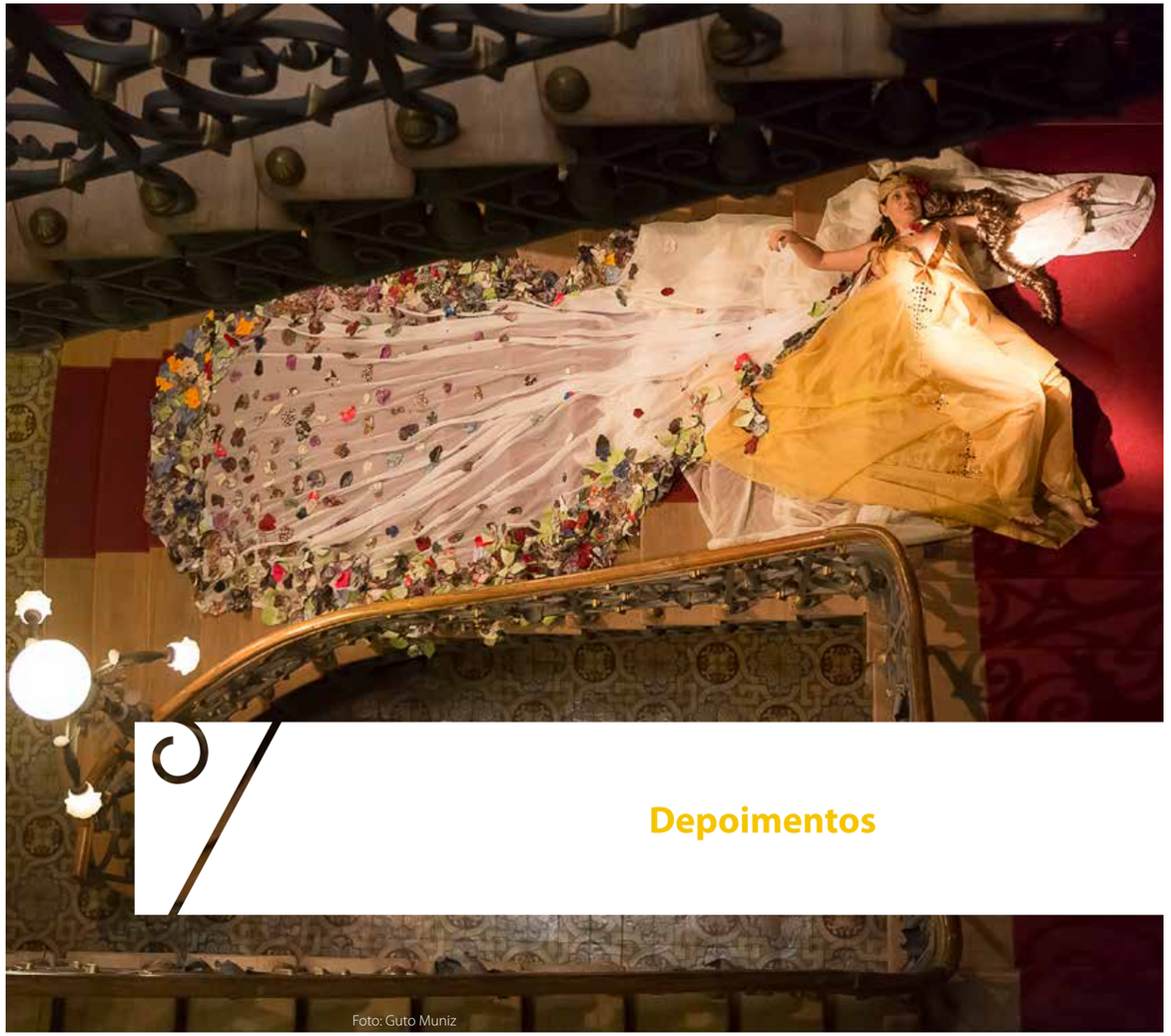


Foto: Guto Muniz

Depoimentos

Paulo Brant

Vice-governador de Minas Gerais



Foto: Gabriel Vargas

Memorial Minas Gerais Vale

"Não há como sair do museu sem levar um pedaço de Minas Gerais dentro de si."

É com enorme satisfação que participo das comemorações pelos 10 anos da criação do Memorial Minas Gerais Vale. Estive à frente da Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais quando do início do projeto e da execução dos trabalhos de implantação do referido museu, instalado na icônica e histórica Praça da Liberdade, em Belo Horizonte.

O Memorial Minas Gerais Vale congrega o que há de mais relevante à alma mineira: sua história, suas tradições, seus costumes, cultura, literatura, música, formando uma teia de experiências interativas, criando aderência do público a essa riqueza cultural. Não há como sair do museu sem levar um pedaço de Minas Gerais dentro de si.

A implantação do Memorial Minas Gerais Vale, em colaboração com o Governo de Minas Gerais, oferece aos mineiros um legado de robusto conteúdo e bom gosto. Coube à historiadora Heloisa Starling a pesquisa histórica do conteúdo e ao cenógrafo Gringo Cardia o desenvolvimento do magnífico trabalho de museografia, destacando, também, o importante trabalho de gestão do Sr. Estevão Fiúza, coordenador, à época, do Circuito Cultural Praça da Liberdade, resultando no maior complexo de museus (dentro do qual se insere o Memorial Minas Gerais Vale) em uma só praça, em nosso país.

O belíssimo prédio da Praça da Liberdade, de 1897, antiga Secretaria da Fazenda, foi restaurado para abrigar o Memorial Minas Gerais Vale que, além das exposições permanentes, vem oferecendo esplêndidas exposições temporárias, gerando e ampliando conhecimento histórico e cultural aos seus visitantes.

Mas, não só do olhar sobre o passado vive o museu. Há uma forte tendência à contemporaneidade das artes e dos costumes mineiros no mesmo local. Assim, se entrelaçam, no mesmo espaço, passado, presente e futuro das preciosidades e riquezas artísticas e culturais de Minas Gerais.

De 2010, quando da sua inauguração, aos dias de hoje, o Memorial Minas Gerais Vale se mantém vivo, transformando vidas, gerando memórias, consolidando a raiz de um povo que tem a liberdade na sua essência e a tradição salutar nos seus costumes.

Parabéns a todos os participantes desse rico empreendimento, que possibilitaram aos mineiros e demais visitantes vivenciar a experiência da mineiridade em todas as suas formas artísticas.

Gringo Cardia

Designer e criador da concepção museográfica do MMGV



Foto: Ellie Kurttz

Museu para todos

"Conseguimos com este trabalho fazer um Memorial, mais que um museu que carrega o orgulho cívico da história de Minas e de ser mineiro. Vi pessoas saindo do Memorial aos prantos, comovidas, orgulhosas de seu estado e de suas vitórias."

É com muita alegria que celebramos os dez anos do Memorial Minas Gerais Vale! Quando fui convidado para conceber a museografia do Memorial, acho que me deparei com o maior desafio de minha vida. Como traduzir uma imensidão de histórias, culturas e diversidades das Minas? Para ser um tradutor deve-se primeiro aprender e, a partir daí, focar nas coisas essenciais, pois a grandeza desta história nem cabe em toda a Praça da Liberdade.

Eleonora Santa Rosa, secretária de Cultura de Estado à época, e também coordenadora do projeto estruturador do Circuito Cultural Praça da Liberdade, me convidou e me deu toda a liberdade para pensar em algo diferente, a partir do projeto que ela havia concebido e aprovado junto ao Governo do Estado para criar um memorial voltado à história cultural de Minas Gerais, abrangendo o período do século XVIII até os dias atuais. O desafio a mim proposto foi o de pensar e implantar, artisticamente, um equipamento que trouxesse uma nova linguagem e um olhar de fora, como um investigador que abre uma caixa cheia de memórias. Ela já conhecia o meu trabalho como curador e artista visual em exposições e em outros museus, sempre pesquisando e experimentando linguagens inovadoras, com o intuito de buscar formas de atrair e comunicar conteúdos para as novas gerações, e me confiou essa missão tão extraordinariamente instigante e complexa.

Quando de seu convite, Eleonora havia composto um grupo de especialistas e pesquisadores de renome, das mais diversas áreas do conhecimento, destacando-se, entre eles, o arquiteto e filósofo Carlos Antônio Leite Brandão, o professor João Antônio de Paula e a vice-reitora da UFMG, a historiadora Heloisa Starling, que, posteriormente, capitanearia uma equipe técnica de mais de 30 historiadores. A partir de nossa convivência e trabalho comum, Heloisa transformou-se numa grande parceira de projetos.

Para mim, foi uma viagem incrível mergulhar com essa turma por dois anos e rodar por todas as Minas, levantando documentos, obras, objetos e farto material iconográfico, além de ter produzido longo roteiro de filmagem, registro de entrevistas e depoimentos, trazendo a essência que só pode ser descrita se for vivida.

Conseguimos com esse trabalho fazer um Memorial, ou seja, mais do que um museu que carrega o orgulho cívico da história de Minas e de ser mineiro. Vi pessoas saindo do Memorial aos prantos, comovidas, orgulhosas de seu estado e de suas vitórias. Uma satisfação pessoal e profissional para mim.

Não existe prazer maior para um curador do que observar o povo se sensibilizando em ver o que não conhece bem, vibrando pelo sucesso e pelas vitórias da sua terra. Ainda não encontrei no Brasil um local como esse, que recarrega o sentimento de pertencimento e de orgulho de cidadão.

Meu grande desafio foi fazer um memorial, um museu, sem objetos, mas composto por salas conceituais que mostrassem a riqueza histórica e a diversidade cultural de um estado fundamental na formação do país. Em função das características e das peculiaridades de sua produção, talvez tenhamos em Minas a maior diversidade cultural do Brasil.

Conheci, encantado, uma Minas tradicional, que preserva suas histórias seculares, e ao mesmo tempo um lugar aberto para experimentações de vanguarda, que nenhum outro estado teve. Como arquiteto, vi que essa terra foi o laboratório do modernismo de Oscar Niemeyer, ainda jovem, com o Complexo da Pampulha. Elegi, na composição de vozes do Memorial, os ícones que formam um panteão de notáveis que pensaram o Brasil, como Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Darcy Ribeiro, Lygia Clark, Sebastião Salgado, Milton Nascimento, além de centenas de artistas mineiros fundamentais na cultura e na construção da ideia de Brasil.

Uma Minas que explode para o Brasil e para o mundo.

Nossa concepção de atrair o público jovem com temas tão adultos e profundos deu muito certo, quando aproximei o conceito do espaço como um local de entretenimento e diversão. Ficamos extasiados ao ver como as crianças se envolviam com a história da Inconfidência Mineira, na sala dos "quadros falantes" dos fantasmas da história de BH. Soube de crianças voltando mais de seis vezes, levando seus amigos e sua família para ver atentamente essa história.

Lembro de uma viagem em que eu era diretor do show da Xuxa Meneghel. Quando passamos por BH, fiz um convite para que ela e a filha Sasha, ainda pequena, fossem conhecer o museu. A criança logo falou que museu era chato. Disse, então, que ela iria levar um susto com os fantasmas, e ela prontamente quis ir visitar o espaço. Xuxa e a filha ficaram o dia inteiro no Memorial e a artista declarou para toda a imprensa local que não conhecia uma maneira de aprender tão divertida e dinâmica e que o conceito de museu havia mudado para ela.

Para mim, com o Memorial, conseguimos chegar com força na nova geração, na qual todo museu deve ser focado, pois ela irá perpetuar as histórias e os valores de tudo o que foi feito e daqueles que lutaram pelo progresso e pela arte. Por isso, precisam ser sensibilizados e mobilizados. O Memorial carrega essa síntese de história que dialoga com o passado, mas escuta muito o presente e faz com que cada visitante se sinta pertencente (dentro) dessa história.

Nestes dez anos da parceria fundamental com a Vale, a direção do Memorial tem feito este trabalho de modo brilhante e eficiente, oferecendo uma programação intensa e múltipla que faz com que a Casa seja de todos, para todos. Minha direção curatorial foi nesse sentido, ou seja, de promover o diálogo da arte da sabedoria popular com a arte consagrada e o mundo acadêmico. Fiquei impressionado com o trabalho incrível que está sendo feito, sinto muito ânimo e alegria por ter concebido uma estrutura de museu vivo, que fala com o mundo contemporâneo e coloca em pauta todas as dúvidas e incertezas para serem discutidas e apreciadas.

Recebi o título de cidadão mineiro e a Medalha da Inconfidência, uma honra que me deixa cheio de orgulho, pois conheci, aprendi e ensinei um pouco sobre uma terra que amo muito agora e que todo o Brasil e o mundo devem conhecer mais profundamente.



Foto: Higor Barreto

Heloisa Murgel Starling

Historiadora, professora universitária, pesquisadora e escritora. Coordenadora da pesquisa histórica da atual expografia do MMGV



Foto: Fernando Rabelo

Uma coleção de cacos

"A História é o único recurso que temos para dar um futuro ao passado. Cada fragmento da pesquisa é a lembrança de uma pergunta que o tempo deixou sem solução, um sinal de alerta para a esperança que não se pode contentar em esquecer."

"Agora coleciono cacos de louça", declarou Carlos Drummond de Andrade, nos versos do poema "Coleção de cacos", publicado em 1968, em *Boitempo*. Em seguida, explicou a razão: "Agora coleciono cacos de louça/ quebrada há muito tempo/cacos novos não servem./Brancos também não./Têm de ser coloridos e vetustos,/ desenterrados – faço questão – da horta./Guardo uma fortuna em rosinhas estilhaçadas,/restos de flores não conhecidas./Tão pouco: só o roxo não delineado,/o carmezim absoluto,/o verde não sabendo/a que xícara serviu./ Mas eu refaço a flor por sua cor,/e é só minha tal flor, se a cor é minha/no caco de tigela/o caco vem da terra como fruto/a me aguardar, segredo/que morta a cozinheira ali depôs/para que um dia eu o desvendasse.".

A pesquisa realizada para o Memorial Minas Gerais Vale, por uma equipe de 52 pesquisadores e consultores, entre os anos de 2008 e 2009, assemelha-se demasiadamente à coleção de cacos colecionada por Drummond.

Afinal, do passado só nos restam fragmentos que nos vêm aos pedaços, e a narrativa do que aconteceu é forçosamente incompleta. E tal como sucedeu com as lascas de louça do poema, os retalhos de eventos e personagens de outrora, uma vez desencavados pelo pesquisador, trazem à luz aquilo que permaneceu invisível. À moda do poeta, um pesquisador vai apostar tudo na ambição de dizer ao outro o que aconteceu – inclusive para tentar fazê-lo ver o que está se desenrolando hoje. Ver é indagar sobre determinada realidade, e ele segue em frente, meio solitário, buscando identificar os fragmentos de uma história possível de Minas Gerais e se perguntando obsessivamente diante de cada caco que escavou: "Por quê? Por que não?".

A coleção de cacos carrega consigo um valor específico – sua incomparabilidade. Cacos são andaimes para uma construção narrativa cuja principal característica é a de provocar uma superposição de tempo. Os fragmentos extraídos pela pesquisa se entrelaçam ainda empoeirados pelo passado. Alguns deles estavam tão próximos de nossos olhos que até então não conseguíamos enxergá-los com nitidez; outros fragmentos, remotos demais, agora se acercam suficientemente de nós para que possamos ver o que está longe demais no tempo e tratar disso como se fosse um assunto nosso. A coleção de cacos que se abrigava nesse Memorial foi planejada para cumprir essa tarefa. Traduzia o esforço para manter a intensidade do passado na experiência do presente, ao mesmo tempo em que revelava uma disposição de luta travada para garantir ao visitante o propósito de não se esquecer de lembrar – lembrar-se do passado; não se esquecer do futuro.

A História é o único recurso que temos para dar um futuro ao passado. Cada fragmento da pesquisa é a lembrança de uma pergunta que o tempo deixou sem solução, um sinal de alerta para a esperança que não se pode contentar em esquecer. Análogos aos cacos coloridos de louça desenterrados na horta do poeta, suas melhores possibilidades encontram-se na busca da minúcia, no jogo do detalhe e, por que não, no equívoco fecundo. Nem poderia ser diferente. A pesquisa revela os rastros de sua e de nossa trajetória e nela estão inscritas, no tempo largo da História, as marcas de uma sociedade - seus medos, erros, ambições, desejos, ilusões, frustrações –, além, é claro, de trazer à luz nossas melhores esperanças.

Cacos não contam uma sequência de eventos em ordem cronológica. Quando organizados em coleção apenas abrem um percurso possível, entre muitos outros. Um museu, por sua vez, pretende ser o depositário privilegiado de uma *durée*, o tempo. Mas nem Minas, nem os Gerais cabem em qualquer um desses espaços, ainda que eles possam vir a ser, no futuro, monumentais. A coleção de cacos escavados pela pesquisa sustentava o fio da narrativa que então se desenrolava no Memorial Minas Gerais Vale, com o objetivo de modular seus próprios limites. Não é um fio linear, decerto; engenhoso, se assemelhava a uma rede concebida para enredar o visitante. Na beirada de uma história, outra começava; dobrada dentro dela, uma nova história tinha início e iria desembocar em uma terceira, onde estava guardado o fundamento de mais uma história ainda esquecida

nos labirintos do tempo, mas pronta para emergir – e assim por diante. Talvez o segredo do museu resida na construção dessa rede quase infindável de histórias. Ao menos nos versos do poema sempre é possível a um pesquisador fazer brotar, de um acervo de fragmentos do passado, "a coleção que nenhum outro imita" – algo semelhante ao "museu de sonho" imaginado por Carlos Drummond de Andrade. Pensando bem, leitor, essa também é tarefa do pesquisador.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. "Coleção de cacos". In:_. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. p. 533/534.

ARENDT, Hannah. "O conceito de História – Antigo e Moderno". In:_. *Entre o passado e o futuro.* São Paulo: Perspectiva, 1972.

CARDIA, Gringo et al. *Memorial Minas Gerais Vale.* Rio de Janeiro: Mesosfera, 2010.

HARTOG, François. *Evidência da história; o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento; seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Mabel Faleiro

Ex-coordenadora do Educativo
do Memorial Minas Gerais Vale



Foto: Denis Ashbrook

"Os sonhos não envelhecem"... Se renovam!

"Era preciso pensar em uma formação continuada para um grupo de educadores, até então denominados monitores ou guias, que possibilitasse a ampliação de olhares, sentidos e fazeres. Se entendíamos os museus como lugares vivos, dinâmicos e desafiadores, de permanente transformação, deveríamos ter disposição e condição para tal."

Ao assumir a coordenação do Educativo do MMGV, em 2013, encontrei uma equipe ávida por um projeto que fosse norteador, que definisse princípios, valores e estratégias, metas e planos de ação. Tínhamos algumas certezas, vários desafios...

E, diante de tantas demandas e possibilidades que se configuravam, afinal, que grandes questões deveriam, prioritariamente, guiar nossas ações? Qual seria a dimensão educativa dos museus? Como desenvolver um trabalho de educação em um espaço não escolar? Uma educação que se preocupa com o pensamento e a emoção, que convoca ao pertencimento e ao exercício da imaginação...

Precisávamos ouvir e acolher a partir de necessidades e realidades distintas, mas como construir parcerias que

ampliassem o acesso e o diálogo, que fossem capazes de provocar e criar significâncias?

Os museus nos fazem pensar em tempos e espaços, em trajetórias e práticas coletivas e sociais...
Como, então, atrair públicos que os consideravam, apenas, guardiões de coisas mortas, como se fossem depósitos de histórias antigas?

Como sensibilizar os visitantes, para que quisessem voltar? Como promover a apropriação do espaço?
Seriam os museus locais, também, de diversão e lazer?

Por onde começar? Eram algumas as "palavras de ordem":

Acolhimento - Será que ao recebermos grupos, agendados ou não, nos dispúnhamos ao encontro com o outro e conosco mesmos? Precisávamos de disposição para tal, talvez até coragem para nos revermos e experimentarmos numa perspectiva de escuta e percepção mútuas. *"Contamos com o silêncio de vocês"* – ouvi um dia. Era preciso mudar.

Mediação – Uma estratégia do processo educativo? O que poderia ser considerado um momento de encontro na mediação? O que possibilitava que esses encontros acontecessem? Existia espaço para o imprevisível, para ouvir o outro, ver por novas perspectivas e nos deixar afetar? Como encantar o outro e nos encantarmos também?

Práticas - Como criar práticas que tirassem os visitantes de suas zonas de conforto, que possibilitassem diversas compreensões e interpretações de realidades? Uma oportunidade de trocas reflexivas, de construção de narrativas.

Acessibilidade / Diversidade / Inclusão – Era pensar muito além de instalações e adaptações físicas à edificação, como rampas, sinalizações etc. Se entendíamos que era um espaço de todos e para todos, de construção de identidade e cidadania, onde estavam os moradores das periferias da cidade, os alunos das escolas públicas, as pessoas com deficiências? E as crianças? Não havia igualdade de acesso?

E quem fazia o educativo do Memorial Minas Gerais Vale? Era preciso pensar em uma formação continuada para um grupo de educadores, até então denominados monitores ou guias, que possibilitasse a ampliação de olhares, sentidos e fazeres. Se entendíamos os museus como lugares vivos, dinâmicos e desafiadores, de permanente transformação, deveríamos ter disposição e condição para tal.

Foi, então, a partir da construção de um Programa Educativo, de um Projeto Político-Pedagógico, que começamos a criar diferenciais, a estabelecer outras conexões e relações, a nos vermos como sujeitos propositores, transformadores:

Redefinimos percursos temáticos, a partir do acervo do museu, e criamos "Objetos de Memória".

Passamos a fazer visitas compartilhadas e registros de práticas – *"O seu olhar melhora o meu!"*.

As crianças começaram a ocupar o museu de forma ativa e mais autônoma. Um kit (mapa, binóculo e lanterna) e uma personagem de interação – Florinda – foram criados. O "Núcleo da Infância" foi formado, tornando as visitas experiências ainda mais significativas, além de oficinas nas férias, programação cultural específica e proposições para bebês.

Tivemos trabalhos reconhecidos em seminários e fóruns nacionais e internacionais, além de conquistas de outros territórios através do "Memorial Itinerante Africanidades e Mineiridades", que significava a exposição de parte do acervo e a formação de educadores dos municípios visitantes.

Publicações de práticas, pesquisas e experiências foram priorizadas.

Parcerias com órgãos e instituições públicos e privados foram firmadas, ampliando-se nossos campos de interlocução.

Uma sala foi planejada para o setor – um espaço que nos acolhia e abrigava, onde nos reuníamos, produzíamos e organizávamos estudos, pesquisas individuais e em grupos, materiais e recursos diversos, suportes e ferramentas para nossas práticas.

O tempo passou...

Hoje, tenho a certeza de que a possibilidade de nos fazermos presentes, de maneira diferenciada, na vida de tantas pessoas, e com elas partilhar tantas histórias e experiências, nos fez educadores melhores. Todos foram importantes nesse processo e, assim, podemos dizer: "Os sonhos não envelhecem!".



Foto: Guto Muniz

Eduardo de Jesus

Professor do Departamento de Comunicação Social
da UFMG e coordenador entre 2013 e 2018
do edital Novos Artistas Mineiros do MMGV



Foto: Equipe Educativo MMGV

Tempo e memória

"Nesse momento de balanço dos primeiros anos de atividade, é muito importante agradecer a todos os artistas que enviaram propostas de ocupação para as galerias. Da mesma forma aos integrantes da comissão de seleção, pelos ótimos diálogos, à equipe de montagem e produção do Memorial Minas Gerais Vale, assim como à equipe do Educativo, que sempre manteve uma parceria inventiva e estimulante na construção de ações educativas."

O poeta tropicalista Waly Salomão disse em um de seus conhecidos haicais que "a memória é uma ilha de edição". Fazendo valer a força e a potência da poesia de Salomão, podemos tentar colocá-la em operação, hoje, tomando em analogia outros instrumentos e procedimentos para pensarmos no modo como a memória se constitui nos contextos que experimentamos atravessados por uma intensa produção e circulação de imagens e conteúdos.

Temos a sensação de um tempo cada vez mais veloz e acelerado, tanto pela força imperiosa das mediações midiáticas, quanto pelo traço heterogêneo dos acessos e das formas de presença a distância, sobretudo nesses dois últimos anos, com a Pandemia da Covid-19. No meio disso tudo, acionamos e construímos memórias nas muitas experiências que vivemos em distintos processos de acumulação sócio-midiática-subjetiva. O corpo, assim

como as mediações tecnológicas, redes e nuvens, guarda fragmentos e estilhaços de memória em documentos, imagens e dados. Lembranças e formas de esquecimento, modos de edição, montagem e produção de memórias e apagamentos. As lógicas de lembrar e esquecer colocadas pelas agências que atuam nos contextos sociais, culturais e políticos que experimentamos nos inúmeros jogos de poder que nos atravessam.

Nesse jogo dialético, pensar no passado mais recente é sempre um desafio. A força cronológica dos fatos e acontecimentos ecoa para além do tempo presente e alcança o futuro. Talvez, por isso, essa última década seja, igualmente, tão difícil de lembrar quanto de esquecer. As dialéticas próprias das multidimensionalidades do contemporâneo e o modo recorrente que reverberaram situações entre passado e presente nos desafiam a compreender o modo como tempo e memória se constroem.

Nessa tensão entre lembrar e esquecer, gostaria de destacar um projeto – entre as muitas atividades que o Memorial Minas Gerais Vale desenvolveu ao longo desses 10 anos –, com o desejo de também se tornar memória para os muitos sujeitos envolvidos. São as exposições ligadas ao edital de ocupação das galerias do ciclo de jovens artistas mineiros. Artistas que começavam a sistematizar seus processos de criação, em busca de uma articulação própria nas linguagens artísticas dentro dos muitos meios, suportes e estratégias de produção, tinham suas exposições viabilizadas pelo Memorial.

A ideia era acionar um agenciamento mais coletivo e aberto nos processos curatoriais envolvendo muitos sujeitos, visões, diálogos e multiplicidades de toda ordem. Todo um processo de trabalho coletivo era colocado em ação. Uma comissão de seleção composta por diferentes integrantes tratava de selecionar as propostas que iriam ocupar uma ou duas galerias, simultaneamente, durante cerca de três meses. Um coletivo que se formava tomando como ponto de partida o conjunto de portfólios e propostas que nos chegavam em atendimento ao edital. Após a seleção começava uma série de encontros com os artistas, produtores e montadores para a construção mais efetiva das propostas de trabalho, bem como a definição de detalhes técnicos. Também fazem parte desse processo os encontros entre Educativo e artistas selecionados para dar suporte às proposições educativas que seriam viabilizadas para cada uma das exposições.

Nesse momento de balanço dos primeiros anos de atividade, é muito importante agradecer a todos os artistas que enviaram propostas de ocupação para as galerias. Da mesma forma, agradecer aos integrantes da comissão de seleção, pelos ótimos diálogos, à equipe de montagem e produção do Memorial Minas Gerais Vale, assim como à equipe do Educativo, que sempre manteve uma parceria inventiva e estimulante na construção de ações educativas.

São as dialéticas da memória, tal qual em uma ilha de edição, que nos permitem – nas potências dos jogos entre lembrar e esquecer – elaborar, montar e inscrever as experiências, tentando algo reter na intensa fugacidade do tempo que passa.

Anderson Aníbal

Diretor, dramaturgo, curador do projeto
Leitura Rara do MMGV em 2014



Foto: arquivo pessoal

Que sorte a minha!

"O Leitura Rara nasceu para ocupar o auditório do Memorial Minas Gerais Vale e oferecer ao público de Belo Horizonte leituras dramatizadas de grandes textos da dramaturgia mundial, com a interpretação de grupos e artistas mineiros."

Desde criança me senti atraído pelo teatro, mas só fui conhecer e entrar para uma escola de atores bem mais velho, aos 25 anos. Fiz a prova de seleção e fui aprovado para o Centro de Formação Artística (Cefar), da Fundação Clóvis Salgado, sem nunca antes ter me autorizado a participar, a não ser como espectador. Eu sempre fui um espectador assíduo de teatro. Descobri que existia a escola ao assistir à montagem de *Bodas de sangue*, de Federico Garcia Lorca, dirigida por Cida Falabella, com alunos formandos do curso de teatro do Cefar.

No "Palácio" – era assim que todo mundo chamava (chama!) a escola – tive meu primeiro contato com os textos de dramaturgia, com as aulas de Marcello Castilho Avellar, Glória Reis, Raul Belém Machado, Luiz Carlos Garrocho, Elvécio Guimarães e Walmir José, alguns dos nossos professores na época. E logo tornou-se natural o convívio com as estantes da biblioteca da escola. Depois de me formar e trabalhar como ator em alguns espetáculos profissionais, entendi minha vocação pela direção e dramaturgia.

Em 2002, estreava *Todas as belezas do mundo*, minha primeira direção, com texto de Gustavo Naves Franco e elenco e equipe formados por colegas da escola. Grace Passô, Hebert Tadeu, Carolina Duarte Amaral e Saulo Souza no elenco; Raquel Pedras, João Márcio, Cristiano Araújo e Raul Belém Machado na equipe. Esse espetáculo fundou a Cia. Clara de Teatro.

Essa companhia, entre 2006 e 2011, ocupou um galpão no bairro Floresta, a Caixa Clara, onde produzíamos nossos espetáculos e promovíamos projetos de pesquisa de linguagem e de formação de novos artistas e coletivos. A Cia. Clara produziu mais de dez espetáculos com dramaturgia original e apoiou a realização de outra dezena de trabalhos. Um dos projetos que faziam parte da nossa programação era o Leitura Clara, para o qual convidávamos outros grupos e artistas da cidade para trocar experiências em noites de leituras dramatizadas.

Belo Horizonte é a casa de companhias como Grupo Galpão, Oficcina Multimédia, Zap18, Trama, Grupo Armatrux e Pierrot Lunar e se tornou, nas últimas décadas, um celeiro de novos grupos de teatro. Luna Lunera, Espanca!, Teatro do Beco, Invertido, Quatroloscinco, Primeira Campainha, Cinco Cabeças e Zula foram alguns dos coletivos que surgiram nesse período. Esses artistas e seus espaços oferecem uma efervescente produção cênica baseada em longas pesquisas de profundas investigações; com horas e horas dedicadas a ensaios, experimentos e montagens técnicas, promovendo um contato ativo com o público da cidade.

Mas o universo da dramaturgia é infinito. Para o grande público ter contato com diferentes textos, de diferentes épocas e regiões do mundo, seriam necessárias muitas outras montagens teatrais. Um espetáculo, para ficar pronto, depende de ensaios e produção, com investimento de altos recursos financeiros e meses e meses de dedicação da equipe. Os projetos de leituras dramatizadas são uma excelente alternativa nesse sentido, pois criam uma ponte nesse processo e, com pouco investimento, fazem chegar ao público textos dramáticos que raramente seriam produzidos na cidade; e, no sentido inverso, tornam-se também ótimas oportunidades de experimento e de novos conhecimentos para os artistas envolvidos.

O Leitura Rara nasceu para ocupar o auditório do Memorial Minas Gerais Vale e oferecer ao público de Belo Horizonte leituras dramatizadas de grandes textos da dramaturgia mundial, com a interpretação de grupos e artistas mineiros. À frente da curadoria no primeiro ano do projeto, busquei possibilitar também encontros ou reencontros entre artistas da cidade. Com o trabalho intenso do dia a dia, tornam-se raros o encontro no palco com um artista de outro grupo ou a reunião de integrantes do elenco de uma antiga montagem. Na noite de estreia do projeto, por exemplo, tivemos a alegria de presenciar a leitura de *Bodas de sangue*,

de Federico Garcia Lorca, realizada pelo elenco original da montagem de 1994, dirigida por Cida Falabella, no Teatro João Ceschiatti – a mesma montagem que serviu de estímulo para que eu seguisse na carreira do teatro.

Nos meses seguintes, foram lidos autores estrangeiros como Harold Pinter, Ionesco e Brian Friel; Anton Tchekhov e Raymond Carver; além de autores nacionais como Eid Ribeiro, João das Neves, Roberto Athayde, Jô Bilac e Byron O'neill. Entre os participantes estavam os grupos Galpão, Armatrux, Luna Lunera, Oficcina Multimédia, Primeira Campainha e Teatro Adulto, com a presença marcante de nomes como Cida Falabella, Sérgio Leite Penna, Michelle Ferreira, Camilo Lélis, Luiz Arthur, Cynthia Paulino, João das Neves, Eid Ribeiro e Ione de Medeiros.

Como diz Peter Brook, o teatro é o lugar onde nos encontramos com o outro diante do mistério da vida. As leituras dramatizadas partem dessa essência, privilegiando a palavra e os ouvidos. Que sorte a minha poder participar e contribuir com um projeto como esse; que sorte a minha nascer nesta cidade, com essa geração de artistas tão especiais; que sorte a minha poder presenciar suas performances e conhecer suas criações, conviver com suas ideias e seus pensamentos.

Celso Adolfo

Cantor e compositor mineiro



Foto: Eduardo Gontijo

As muitas Minas

"Então, naquelas duas noites de abril de 2013, naquela Casa da Ópera de Villa Rica replicada, de repente, vi que os meus remansos ganharam sentido naquele pequeno grande lugar, diante dos veludos das poltronas, diante da arquitetura musical do lugar rebatida no livro e de inúmeras sensações históricas, cujas poesias se entrelaçavam, combinando o rebuscamento formal setecentista com a preservação das memórias interioranas mineiras contidas no Sagarana."

Motivado pelo convite para participar da inauguração do Museu Sagarana (Musa), em Itaguara (MG), no dia 13 de abril de 2012, além da música que eu havia composto para a ocasião (uma releitura da novela *Duelo*), me bateu a vontade de fazer mais músicas inspiradas no primeiro livro de Guimarães Rosa, *Sagarana*, lançado em 1946, carregado de temas e personagens do então distrito de Itaúna (MG). Conservei a composição que resultou da releitura de *Duelo* e, em seguida, separei as quadrinhas ao longo do livro para tentar músicas com elas. Deu certo. Depois, até por ser mineiro interiorano de São Domingos do Prata, compus músicas que guardassem relação com ambientes e personagens do livro, fora dele, mas tomando empréstimos preciosos àquelas páginas, reparando o quanto as almas interioranas pratianas e sagaranas guardavam parentescos entre si.

Mergulhado naquele arriscado desejo de retirar ao *Sagarana* o que nele era já "música em estado de livro", em março de 2013, eu chegava a sete composições. Quando tive vontade de mostrá-las, por intermédio de Wagner Tameirão, recebi um convite para me apresentar na réplica da *Casa da Ópera de Villa Rica*, do Memorial Minas Gerais Vale. E não tive dúvida: aquele era o lugar ideal para o primeiro teste a que devia ser submetida a minha ideia de compor tendo o *Sagarana* como guia. E subi ao pequeno grande palco daquela Casa da Ópera para duas apresentações, uma no dia 11 de abril de 2013 e outra dois dias depois, no dia 13. Das sete músicas das apresentações, três recontavam as novelas *Duelo*, *Corpo fechado* e *Sarapalha*, três vinham das quadrinhas ao longo do livro e uma era puro esboço do que, mais tarde, se chamaria *Desejo*. Ainda dividido entre a vontade e o receio de continuar compondo, aquelas apresentações me deram repentina segurança para ir adiante. E fui.

Sobre o *Sagarana*, Guimarães Rosa dizia em carta a João Condé: *(...) aí, experimentei o meu estilo. Me agradou. De certo eu amava a língua. Bem resumindo: ficou resolvido que o livro passaria no interior de Minas Gerais. E compor-se-ia de 12 novelas. Então, passei horas de dias, fechado no quarto, cantando cantigas sertanejas, dialogando com vaqueiros de velha lembrança, revendo paisagens de minha terra (...). O livro foi escrito quase todo na cama, a lápis, em cadernos de cem folhas – em sete meses de exaltação, de deslumbramento. (Depois, repousou durante sete anos; em 1945 foi retrabalhado, em cinco meses de reflexão e lucidez.)*

O número sete aí me chamou a atenção. Exatos sete anos depois da minha apresentação na noite de inauguração do Museu Sagarana em Itaguara, no dia 13 de abril de 2012, num outro 13 de abril, mas de 2019, eu tinha 16 composições finalizadas e um CD gravado que se chamou *Remanso de Rio Largo*, com patrocínio da Cemig, via lei de incentivo. O designer gráfico Guilherme Seara fez a capa e o encarte, Eduardo Dias Gontijo fez as fotos e Robertinho Brant dividiu comigo a produção do CD para o qual o Memorial Minas Gerais Vale tinha dado a primeira chance de afirmar-se, seis anos antes.

E o nome *Remanso de Rio Largo*? Ele é um verso da última estrofe da canção que o personagem Siruiz canta no meio do bando do Hermógenes e está no *Grande Sertão: Veredas*. E eu já havia me valido dele para dar nome a uma canção que está no meu CD *Estrada Real de Villa Rica*, de 2011. Repeti-lo era confirmar a emoção contida numa coisa que se referia menos a um estilo de linguagem do que a um estado emocional meu, interiorano, muito meu. Então, naquelas duas noites de abril de 2013, naquela *Casa da Ópera de Villa Rica* replicada, de repente vi que os meus remansos ganharam sentido naquele pequeno grande lugar, diante do veludo das poltronas, diante da arquitetura musical do lugar rebatida no livro e de inúmeras sensações históricas cujas poesias se entrelaçavam combinando o rebuscamento formal setecentista com a preservação das memórias interioranas mineiras contidas no *Sagarana*.

Nas tão referidas *muitas Minas que há*, algumas são o meu remanso de hoje e outras são remansos para amanhã. Os remansos das minhas Minas de 2013 ganharam sete vidas em plena Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, naquela *Casa da Ópera de Villa Rica*, a 251 anos da original.

Flaviana Lacerda de Paula Nascimento

Estudante, visitante frequente



Foto: Equipe Educativo MMGV

Férias Divertidas no Memorial

"Minha mãe começou a me inscrever em oficinas de férias do Museu. Tinha oficinas para praticamente todas as idades e gostos. Uma oficina em particular me marcou bastante, e mesmo depois de seis anos continua me ajudando no dia a dia: a oficina de fotografia."

Conheci o Memorial Minas Gerias Vale por meio da minha mãe. Em 2014, ela trabalhava com um projeto que integrava educação e cultura, para estudantes, durante as férias escolares. Nesse período, ela entrou em contato com vários museus, mas o que ela achou mais interessante foi o Memorial.

Além de ter atividades de férias, o museu oferecia visitas guiadas por todas as salas de uma maneira superinteressante e divertida. No mesmo ano, comecei a frequentar o Memorial, em todas as minhas férias escolares. Minha mãe começou a me inscrever nas oficinas de férias. Tinha para praticamente todas as idades e gostos. Uma oficina em particular me marcou bastante, e mesmo depois de seis anos continua me ajudando no dia a dia: a oficina de fotografia. Na época, eu tinha nove anos e estava totalmente interessada na arte visual, principalmente na fotografia. No primeiro dia me lembro que ainda não estava acreditando que iria me aprofundar em algo que gostava bastante. Essa oficina foi muito bem guiada e ganhou até uma exposição no final, em que familiares e visitantes do museu puderam ver nossos trabalhos.

Hoje em dia, com as aulas on-line, alguns dos meus colegas estão tendo dificuldade para mandar foto das atividades passadas pela escola, porém, graças à oficina, sei o básico de fotografia e consigo escolher o melhor ângulo e iluminação para as fotos. Se fosse falar de todas as oficinas de que já participei, ficaria horas e horas contando. Vivi tantas experiências boas, que me marcaram profundamente. A pandemia dificultou bastante meu contato com o Museu. Vai fazer mais de dois anos que não vou para o Memorial e não pude participar das oficinas durante as férias. Espero que tudo volte ao normal o mais rápido possível, para que eu possa voltar a frequentar o lugar que tanto amo.



Foto: Guto Muniz

Gilberto Ramos

Médico, amante inveterado da cultura,
visitante frequente



Foto: Leonardo Carvalho

Manancial de cultura e conhecimento

"Minha presença foi tão contínua que, certo dia, fui contatado pela equipe do Memorial, que desejava uma entrevista comigo para ouvir as razões da minha presença constante."

Minha primeira visita ao Memorial Minas Gerais Vale foi há cerca de dez anos, movido pela curiosidade de conhecer o prédio da ex-Secretaria da Fazenda e também o que o espaço nos oferecia. Já na entrada, somos brindados com a maravilhosa arquitetura e a monumental escadaria. Seguindo a visita, nos deleitamos com as salas dedicadas a expoentes mineiros da arte e da literatura e com o prazer de subir aos andares superiores e se encantar com o que nos proporcionam as demais salas.

Devido ao manancial de conhecimento a ser adquirido nesse esplêndido lugar, passei a frequentá-lo assiduamente. Minha presença foi tão contínua que, certo dia, fui contatado pela equipe do Memorial, que desejava uma entrevista comigo para ouvir as razões da minha presença constante. Nessa entrevista tive a surpresa de um convite para que eu resumisse numa frase minha opinião sobre o Memorial e, se eu concordasse, tirariam uma foto e eu liberaria o uso da minha imagem. Resultado: aconteceu algo que eu jamais sonharia.

Ter a minha imagem em um *backbus*. Várias pessoas conhecidas comentavam com minha família: "Vimos o Gilberto atrás do ônibus e na banca de revista em frente à faculdade de medicina da UFMG", na qual eu também trabalhava.

Com minhas idas a esse manancial cultural, tomei conhecimento do que é uma performance, manifestação de arte que eu nunca tinha conhecido e nem tido a oportunidade de vivenciar de tão perto. Memoráveis também foram as apresentações de grandes nomes da arte mineira do teatro, como Wilma Henriques, e da poesia de Adélia Prado.

Inesquecíveis foram os acontecimentos do "Boa Noite Memorial", que proporcionou memoráveis alegrias com música excelente e integração com sensacionais pessoas participantes.

Outra surpresa agradabilíssima foi a realização do "Boa Noite Sensorial", no qual éramos conduzidos a diversas salas, para que, vendados, descobríssemos as percepções com nossos sentidos: tato, olfato, audição e paladar.

Aplausos constantes também devem ser dirigidos à equipe do Educativo, que conduz brilhantemente os eventos realizados para as crianças de diversas escolas públicas e privadas.

O Memorial, nesses dez anos de existência, tem transformado muito a forma de se apreciar um museu e estimulado o desenvolvimento de uma visitação esplêndida. Eu muito aprecio as exposições de arte realizadas por jovens artistas, todos com trabalhos excepcionais. O Memorial sempre foi aberto para diversos tipos de cultura, e é muito brilhante sua contínua interação com variadas comunidades de Belo Horizonte.

Júlio Martins

Curador e coordenador do edital
Novos Artistas Mineiros desde 2019



Foto: Netun Lima

Memória do tempo presente

"Sempre me pareceu um aspecto dos mais importantes o compromisso do MMGV com a produção artística contemporânea."

As celebrações dos dez anos do Memorial Minas Gerais Vale nos estimulam a refletir sobre o cenário cultural belorizontino, especialmente, a partir de sua atuação atenta aos sentidos de "memória", uma demanda visível na paisagem institucional mineira. Sempre me chamou a atenção o engajamento do MMGV em pautar questões urgentes, que não eram comumente tratadas em nenhum outro espaço em Belo Horizonte. Questões ligadas a gênero, direito e ativismo LGBTQ, sobre a formação dos jovens artistas, sobre mercado de arte etc. foram tema de iniciativas que me parecem declarar um interesse e uma visão conectados àquilo que a memória ativa e produz relevância no tempo presente, na urgência do presente. Sempre me pareceu um aspecto dos mais importantes o compromisso do MMGV com a produção artística contemporânea.

Minha experiência na curadoria da quinta edição do edital de arte contemporânea do MMGV foi constantemente motivada por perceber nesta vocação da instituição um espaço dos mais interessantes para a jovem arte

contemporânea mineira. O Edital Novos Artistas do MMGV, realmente, tornou-se uma conquista do estado e dos talentos locais e tem sido aperfeiçoado a cada nova edição para oferecer aos jovens artistas mineiros não apenas um espaço de visibilidade para suas obras, o que já é importante, mas condições profissionais e instigantes para elaborarem com densidade crítica sua primeira exposição individual. É com alegria que constatamos que o edital já figura entre os mais procurados pelos artistas de Minas em seu segmento.

Quando chegamos, Maria Angélica Melendi e eu, para avaliar e escolher as propostas que integrariam a programação, nos interessou ampliar o papel da curadoria e do aspecto educacional e formativo que o edital poderia desenvolver junto aos artistas selecionados. Criamos e propusemos então o Acompanhamento Crítico, para estabelecer um diálogo prévio e intenso com os artistas e nos permitir remodelar junto a eles as propostas iniciais, visando assim amadurecer todas as concepções da exposição, bem como os processos artísticos de cada participante. Todo esse movimento fortaleceu ainda uma aproximação da curadoria e dos artistas com a equipe educativa do MMGV, o que trouxe, naturalmente, muitos benefícios e frutos ao longo de todo o projeto.

Sou particularmente grato ao MMGV e às suas equipes técnica e educativa pela oportunidade de contribuir nesta missão tão importante, qual seja a de expor com excelência os artistas mineiros da atualidade, em início de carreira. Sem dúvida trabalhamos em tarefa das mais indispensáveis para a reflexão a que o MMGV se propõe, dedicando-se a escrever essa memória artística do tempo presente.

Marco Paulo Rolla

Artista plástico, performer, professor da Escola Guignard. Coordenador do projeto Performance no Memorial de 2013 a 2015



Foto: Guto Muniz

Da memória à ancestralidade, reconstruir a cultura é vida

"Celebrar dez anos nesta busca e experiência é entender o desafio aqui colocado. Podemos dizer que este foi um bom início, pois sua administração, ao invés de se resumir a colecionar as memórias e a conservar, se desafiou ainda mais, criando programações de alto nível técnico e artístico nas diversas linguagens, como artes plásticas, audiovisual, música, teatro, literatura, dança e arte-educação."

O sentimento de pertencer a uma cultura está diretamente ligado com o cuidado, o fomento e a preservação dessa cultura, que é o principal instrumento de construção de nossa consciência de coletividade e humanidade dentro de uma sociedade. Precisamos colecionar e ter na memória o orgulho de ser parte da construção e da renovação das expressões do sentimento humano na vida. A ancestralidade é o lugar que nos indica esse sentimento. Como é bom visitar a sala que homenageia as tradições do folclore, construída pela tradição da cerâmica no Vale do Jequitinhonha, no Memorial Minas Gerais Vale. Ao entrar nesse recinto, já pelas bandeirolas, que criam um teto instalacional da memória afetiva, sentimos estar entrando em um tempo ou em um templo. São poucos os espaços culturais na cidade que carregam tal poesia e atmosfera da presença do passado ancestral, nos transportando ao íntimo de nosso pertencer, quando várias vezes em Minas Gerais, cada um de nós pode

presenciar um congado, uma festa do divino e muitos outros rituais que constituem nosso sentir e nos permitem criar mais rituais poéticos e artísticos.

Dessa forma, enfatiza-se a importância da continuidade e do aprofundamento da construção dessa memória, de maneira genuína e original. O Memorial carrega no nome essa missão, que é mesmo uma falácia em nosso estado, e que com a permanência e resistência da conduta desse espaço, podemos celebrar esta possibilidade de reconstruir e redimensionar nosso valor maior, a cultura popular, e em contínuo relacionamento com a cultura erudita contemporânea.

Celebrar dez anos nesta busca e experiência é entender o desafio aqui colocado. Podemos dizer que este foi um bom início, pois sua administração, ao invés de se resumir a colecionar as memórias e a conservar, se desafiou ainda mais, criando programações de alto nível técnico e artístico nas diversas linguagens, como artes plásticas, audiovisual, música, teatro, literatura, dança e arte-educação.

Assim se consolidou como uma instituição multidisciplinar, onde as áreas também podem se abrir a interlocuções. Logo, não é por acaso que, por alguns anos, fui convidado a ser o curador da área de performance dessa programação riquíssima. A performance, como costumo dizer, não é! Ela tem como característica principal ser um híbrido de qualquer área artística, humana ou científica, estar sempre no entre, diluindo limites de definição e, por isso, criando muitos experimentos jamais pensados. Estar disposto a receber tais propostas não é para qualquer espaço; isso mostra o compromisso de sua equipe em fomentar a cultura local em seu mais alto nível de desenvolvimento e descoberta. A relação com sua estrutura, desde a direção à produção, é de extremo comprometimento, respeito, apoio e cuidado; cuidar gera a criação com afeto, cultivando o engajamento de todos na revelação da arte. Sempre em negociações para que os artistas recebidos pudessem exercer a maior liberdade de expressão almejada, claro, dentro de limites necessários aos preestabelecidos em uma sociedade e de cada instituição. Mas o importante é a vontade de construir juntos, para cada realização ser possível, e isso nunca faltou.

Em 2016 tive a honra de ser convidado, como artista, para uma pequena retrospectiva de minha obra plástica, o que na verdade foi uma ocupação em várias salas e espaços como as escadarias. *Cama, Mesa e Escada* foi minha primeira exposição desse porte na cidade de Belo Horizonte. Mostras de performance, instalações e exposição ocupando as duas galerias foram apoiadas e cuidadosamente acolhidas por uma equipe muito engajada. A experiência do Educativo também foi muito profunda e, daí, criaram-se interfaces criativas para engajar o público nos assuntos colocados e provocados pelas obras presentes. Digo isso para enfatizar a importância de uma instituição que se ocupa em acolher e, principalmente, promover o conhecimento cultural e coletivo ao fazer com que um público enorme pudesse ter acesso aos trabalhos criados por anos de dedicação.

Falando agora do ponto de vista de um artista local, pontuo que a continuidade desse trabalho de qualidade e comprometimento vai cada vez mais fixar o Memorial como uma referência na disseminação de nossa cultura e no incentivo à produção dessa renovação que, ao mesmo tempo, reverencia sua preservação. As instituições culturais são a complementação do processo de ensino na sociedade, criando a consciência de nossa origem e a importância de nossa originalidade.

Marislaine Lumena de Mendonça

Visitante frequente



Foto: Equipe Educativo MMGV

“A arte existe porque a vida não basta.” (Ferreira Gullar)

“Ali, conheci pessoas interessantes e fiz amizades preciosas. Muitas vezes, a prosa rendia na cafeteria, acompanhada de ‘cafezim’ com bolo de fubá, da Neusa, e pão de queijo. Tudo uma delícia!”

Dentro do Circuito Cultural Praça da Liberdade, o Memorial Minas Gerais Vale (MMGV) se destaca pela valorização das tradições do povo mineiro e pela diversidade de atividades artísticas e culturais oferecidas ao público de todas as idades. Para se ter uma ideia, dentro do projeto “Eu, criança, no museu”, até os bebês têm a sua vez!

Sempre fui uma frequentadora assídua e já participei de diversos eventos culturais, como saraus de poesias na encantadora sala dos retratos, cursos de bordado, origami, fotografia, teatro, estamparia e turbantes; assisti a várias apresentações musicais no jardim e no auditório e a vídeos memoráveis da nossa história; visitei muitas vezes as exposições permanentes e algumas exposições temporárias. Ali, conheci pessoas interessantes e fiz amizades preciosas. Muitas vezes, a prosa rendia na cafeteria, acompanhada de “cafezim” com bolo de fubá, da Neusa, e pão de queijo. Tudo uma delícia!

Durante a pandemia, continuo participando de atividades on-line, como as excelentes aulas de “Bordados pelo Mundo”, confecção de lanterna de origami, práticas de Pranaiama Yoga e shows musicais.

Sim, “a arte salva” e, principalmente, nestes tempos dificultosos, a arte é acolhedora, realimenta as nossas forças e contribui como um aparato emocional para a resiliência.

Parabenizo o MMGV pelos dez anos de contribuição cultural e divulgação da arte! Que “o entendimento do nosso presente, a memória do nosso passado e as perspectivas para o nosso futuro” sejam contemplados para a construção de uma cultura de respeito, valorização das diferenças e, sobretudo, de preservação da vida.



Foto: Netun Lima

Patrícia Alencar

Diretora da Central Única de Favelas (Cufa), ativista social, gestora cultural, arte-educadora e dançarina. Curadora do projeto Diversidade Periférica desde 2019



Foto: Netun Lima

Construção da equidade

"Cada artista que se apresenta no programa, que sobe ao palco, que ergue seu punho e que participa de uma live deixa a sua marca registrada. Isso rompe barreiras. Isso é criar redes, é memória."

Estou como curadora do Diversidade Periférica, desde 2019. Na época, o convite partiu da Cris Gil (então produtora e programadora do Memorial Minas Gerais Vale) e do atual diretor Wagner Tameirão, pessoas boníssimas e de extrema competência. No MMGV tenho a honra de dividir e colocar em prática ideias e projetos.

No afã de poder conectar os artistas das mais variadas favelas do Brasil a espaços como o do museu, que na maioria das vezes são vistos pelos que são da favela pelo lado de fora, aceitei o desafio. Confesso que foram dias de frio na barriga e muito estudo para entender qual seria o melhor formato, quem faria a estreia, como dar voz a tantos anseios. Mergulhei em um vasto e riquíssimo cenário artístico que emerge das favelas e dos quilombos, e a programação foi e vem sendo diversa, tradicional, contemporânea, revelando de forma afetuosa os saberes e o dinamismo desses territórios.

Entendo o programa Diversidade Periférica como uma potente ferramenta na construção da equidade.
É a favela contando a sua história, levando o pulsar e o rufar dos seus tambores, o seu movimento, a sua fala
e a sua escrita para preencher as lacunas deixadas pelo processo de escravização vivido no Brasil.
A memória cultural da favela é ancestral, é africana, basta andar pelas escadas, becos e vielas, que se percebe
no caminhar das pessoas, nas cores, na estética, na culinária, nas obras de arte, muitas vezes expostas
a céu aberto, a beleza e a força que inovam e criam a todo momento. Cada artista que se apresenta no programa,
que sobe ao palco, que ergue seu punho e que participa de uma live deixa a sua marca registrada.
Isso rompe barreiras. Isso é criar redes, é memória.

Desejo vida longa ao Diversidade Periférica e ao Memorial Minas Gerais Vale.

Agradeço aos que vieram antes de mim e possibilitaram a minha chegada e peço licença à Conceição Evaristo
para parafrasear uma de suas escritas:

"Eu não nasci rodeada de livros, e sim rodeada de palavras." "Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra." "O que os livros escondem, as palavras ditas libertam." "E não há quem ponha um ponto final na história."



Mário Cléber Martins Lanna Júnior

Professor de História da PUC Minas, curador do projeto Novos Pesquisadores em 2019 e 2020

Foto: Mário C. Martins Lanna J.

A experiência das humanidades no museu do presente

"Aprendi sobre a cultura mineira e suas formas universais de unir o passado e o presente em cada uma das pesquisas científicas transformadas em exposições e abertas para o público amplo e leigo, no projeto Novos Pesquisadores."

Foi ímpar minha experiência compartilhada com o Memorial Minas Gerais Vale, em especial no projeto Novos Pesquisadores, do qual fui curador de 2019 a 2020. Lembro-me da organização e da qualidade do Memorial, suas exposições inteligentes e sensíveis, coroadas por práticas educativas críticas e teoricamente atualizadas. Entre as várias lembranças guardadas, levo uma em especial, que diz respeito à presença das humanidades nos lugares de memória de nossa sociedade, o que motivou o projeto Novos Pesquisadores e meu contato com os bastidores do Memorial Minas Gerais Vale. Aprendi sobre a cultura mineira e suas formas universais de unir o passado e o presente em cada uma das pesquisas científicas transformadas em exposições e abertas para o público amplo e leigo, no projeto Novos Pesquisadores.

Vivemos a superabundância de informações e acontecimentos, das fragilidades da era da comunicação e do conhecimento, e cada vez mais precisamos da ponte sustentada pelas humanidades, para transpormos

as contradições do tempo presente. O mundo apresenta-se distinto de tudo que o precedeu, em ritmo alucinante de transformação, com desafios para historiadores, sociólogos, antropólogos, arquitetos, gestores (públicos e privados) e agentes sociais. Afinal, os usos da memória, na sociedade atual, são práticas recorrentes, visíveis nas escolas, comemorações cívicas, músicas, livros, ruas, praças, novelas e filmes.

O tema ganha interesse interdisciplinar, abre espaço para o diálogo fora e dentro das humanidades, buscando fortalecer sua identidade de especialista da memória e da cultura. Experimentamos complexas relações sociais e econômicas, cada vez mais tecnológicas, industriais e urbanas, vale dizer, relações pautadas pelas multidões e massas interligadas em rede digital. No atual cenário, o conhecimento das humanidades deixou de frequentar apenas as salas de aula ou livros acadêmicos ou didáticos. Hoje, ele aparece exaustivamente em outros espaços: nos cinemas, nas empresas, nos movimentos sociais, nos centros de cultura e nos demais lugares e situações em que a memória é evocada.

A experiência que vivi no projeto Novos Pesquisadores do Memorial Minas Gerais Vale coaduna-se com essa demanda, de reconhecimento da diversidade e pluralidade da sociedade, da complexidade de suas representações culturais, das formas como elas se manifestam e são apreendidas pelos grupos sociais. Uma experiência exitosa em promover o conhecimento das humanidades, por intermédio dos casos, especificidades, generalidades, patrimônios culturais, memórias e identidades coletivas de Minas Gerais.

Maestro Rodrigo Toffolo

Diretor artístico e regente titular
da Orquestra Ouro Preto



Foto: Íris Zanetti

Memória(s)

"Essas lembranças são parte das minhas mais antigas memórias pessoais, e faço do Memorial Minas Gerais Vale uma referência na construção da minha identidade, como pessoa e como mineiro."

Sempre morei no interior e, curiosamente, as idas em minha infância à capital mineira me remetem às lembranças da estrada, ainda não duplicada, e sem o Viaduto da Mutuca (até hoje, passando por ele, a antiga estrada vem à minha memória). As compras que deveriam preencher todo o porta-malas do carro aconteciam em conjunto com uma ida – curiosamente, me lembro de apenas uma – ao bairro da Pompeia, na casa da minha bisavó Delfina, ou "Noca", passando pela Igreja dos Capuchinhos, local sempre ressaltado por meu pai.

Logo após os compromissos familiares, passávamos pela Praça da Liberdade antes de seguir para Ouro Preto. Acho que devia ser muito comum a nós, habitantes do interior, uma volta à praça, uma espécie de ritual ou cerimônia de despedida da capital. Curiosamente, os prédios de seu entorno sempre me fascinaram bem mais que a praça em si, talvez pelo fato de Ouro Preto não possuir uma praça assim, com jardins por onde se possa passear (o que é uma pena).

Essas lembranças são parte das minhas mais antigas memórias pessoais, e faço do Memorial Minas Gerais Vale uma referência na construção da minha identidade, como pessoa e como mineiro. Acredito que nossa identidade é construída por meio de um conjunto de valores desenvolvidos por uma memória compartilhada, mesmo que inconsciente.

Da sempre esperada volta ao redor da Praça da Liberdade até os dias atuais, nos quais, juntamente à Orquestra Ouro Preto, participo da curadoria da série de música de câmara que o Memorial abriga, não mais o prédio, mas todo o seu interior – aqui me refiro também às pessoas – se faz presente na construção cada vez mais profunda de minha personalidade como músico e cidadão.

A alternância entre narrar e ser, contar e viver, a exuberância de sua fachada, passando por cada pessoa que por lá entra e sai, e que dá uma finalidade a tudo isso, fazem ressoar em mim um ambiente humanístico e artístico único, que aprofunda, a cada dia, a gênese de minha percepção étnica, ou seja, do forte sentimento de pertencimento, da consciência de coletividade e do referencial social.



Foto: Guto Muniz

Tibério França

Fotógrafo, curador independente e professor
de fotografia da Escola Guignard/UEMG



Fotopintura de Mestre Júlio

Acervos fotográficos

"Minha orientação curatorial, em referência à vocação do Memorial, foi privilegiar autores mineiros de inegável reconhecimento profissional, relevância artística em sua produção fotográfica e pelo menos 30 anos de atividade."

Meus primeiros contatos com o Memorial Minas Gerais Vale (MMGV) aconteceram ainda em 2012, época em que fui diretor regional da Associação de Fotógrafos Fototech, e o museu era um parceiro de primeira hora. Realizamos juntos várias atividades culturais ligadas à fotografia. O convite para fazer a curadoria de exposições periódicas de média duração no espaço do Café veio naturalmente desse relacionamento. O projeto arquitetônico do local já reservava as paredes detrás do balcão de atendimento para esse fim, além de 12 nichos de madeira, com formatos, dimensões e profundidades variados, na parede oposta. O pé-direito muito alto permitia a utilização de grandes impressões, duas nas laterais, com imagens verticais de 2x3 metros e outra central, trazendo uma grande fotografia horizontal de 4,2X2,5 metros, de grande impacto para os visitantes. Três monitores de TV complementavam a instalação, que permitia, assim, mostras individuais com cerca de 15 fotografias impressas e outras 80 a 100 apresentadas em looping nos monitores.

Minha orientação curatorial, em referência à vocação do Memorial, foi privilegiar autores mineiros de inegável reconhecimento profissional, relevância artística em sua produção fotográfica e pelo menos 30 anos de atividade. A primeira exposição sob minha curadoria aconteceu em maio de 2013 e trouxe, pelas lentes do Sr. Câncio de Oliveira, a Belo Horizonte dos anos 1940/1950. Ainda naquele ano, Paulo Arumaa apresentou seu acervo de mais de 40 anos fotografando portos e trilhos ferroviários no Brasil e no exterior.
O fotógrafo diamantinense Chichico Alkmim também teve imagens do seu acervo exibidas, numa mostra que contou com a colaboração de sua neta, Verônica Alkmim. Seguiram-se exposições individuais da fotografia autoral de Carlos Guilherme, o folclore mineiro visto por Miltão (Francisco Milton Campos Horta), além de autores contemporâneos, como o fotógrafo de espetáculos da Fundação Clóvis Salgado, Paulo Lacerda, e o genial *globe-trotter*, Weber Pádua. As fotógrafas também estiveram presentes, com Fabiana Figueiredo apresentando um recorte do rock e da música alternativa mineira dos anos 80. Ana Valadares apresentou suas imagens irreverentes e inspiradoras da moda dos anos 90. As influências de pai para filha marcaram as experimentações artísticas de Ilana Lansky. E a fotografia jornalística, humanista e documental de Vera Godoy completa essa breve parceria. Nesse período, a fotografia mineira esteve bem representada nas paredes do Café do Memorial.

Viviane Longo

Historiadora e museóloga



Foto: Marcelo Tanami

Imersão cultural

"Exatos quatro anos depois de ter entrado pela primeira vez no Memorial, defendi o mestrado e, graças a isso e a todas as pessoas que generosamente colaboraram com depoimentos, dicas, conversas, fontes, inspirações, visitas e críticas, hoje atuo como museóloga e me dedico, constantemente, a pensar e propor formas de que os nossos museus sejam cada vez mais abertos, inteligentes e relevantes para a sociedade."

Em setembro de 2013, entrei pela primeira vez no Memorial Minas Gerais Vale. Estava a passeio em Belo Horizonte e haviam me recomendado conhecer a Praça da Liberdade. Foi, então, que me deparei com uma belíssima praça urbana rodeada por prédios históricos, e um deles em especial me chamou a atenção, logo na esquina. Um prédio bonito em tons rosados, o Memorial Minas Gerais Vale.

A visita pela exposição foi uma surpresa atrás da outra. Para mim, que não sou mineira, tudo era novidade. Eu estava na véspera de concluir a graduação em História, e há meses vinha pensando em um tema para minha pesquisa de mestrado. Já havia decidido que seria na área de patrimônio, memória e museus, mas faltava encontrar algo que brilhasse aos meus olhos. Então, encontrei no Memorial não só uma tarde agradável de visita, mas um objeto de pesquisa que muito me ensinou sobre museus, identidades e pessoas.

Mais do que o "efeito surpresa" que mencionei acima, o Memorial me inculcou perguntas. Perguntas sobre os porquês de aqueles conteúdos estarem ali naquele formato, naquele local, e com que intuito eles haviam sido criados.

A pesquisa é movida por perguntas e, no trajeto que percorri, elas não pararam de aparecer: quanto mais me aprofundava, mais interessada eu ficava e mais claros iam se delineando os limites da pesquisa. O recorte escolhido foi a narrativa da exposição de longa duração, portanto, entender o objetivo daquilo que estava sendo comunicado através de textos, imagens, sons, luzes e sombras, temperaturas, vídeos, sensações e experimentações.

O Memorial é um mundo inteiro sobre Minas Gerais. Uma verdadeira imersão nas múltiplas formas de expressão cultural de um povo. Embora caracterizar um povo e seus costumes seja um desafio e exija escolhas, o Memorial é muito bem-sucedido na projeção de uma imagem positiva do que é "ser mineiro". Para tanto, seleciona nomes, episódios históricos, regiões e práticas provenientes de diferentes partes do estado de Minas Gerais e que se projetam para além de suas fronteiras.

A narrativa é, portanto, envolvente e emocionante. Construída com habilidade e qualidade técnica na expografia, cuja curadoria é de Gringo Cardia, a exposição possui uma base conceitual fortíssima que contou com pesquisadores e especialistas da UFMG e de outras universidades.

Por ser um museu relativamente novo, encontrar seu ponto de origem foi uma tarefa básica da minha pesquisa. Para isso, realizei entrevistas com algumas pessoas-chave que estavam ligadas direta ou indiretamente ao Memorial, levantei fontes, documentos, publicações para o estudo. Por se tratar de uma iniciativa privada, a investigação me levou a entender o modelo de gestão e as razões para a sua existência e seu formato.

Um dos meus principais questionamentos sobre esse equipamento cultural era seu nome: afinal, eu estava diante de um museu ou de um memorial? Creio que um pouco dos dois. O fato de não possuir acervo histórico de peças ou obras provenientes de coleção não significa que não seja um museu, pois as referências patrimoniais presentes na exposição ali estão pelos mesmos motivos que estariam objetos: para serem preservados, pesquisados, extrovertidos e, no caso específico do Memorial, celebrados.

O Memorial é uma experiência museológica marcante, seja pela sua formulação conceitual ou pelo que

proporciona aos visitantes. É inegável sua importância para o setor museológico brasileiro e mineiro, porque prima pela qualidade no atendimento ao público, está atento às demandas contemporâneas, possui programação dinâmica e põe em exibição um tema que, se por um lado é pleno de controvérsias, por outro resgata e atualiza uma imagem que se tornou ícone do estado de Minas Gerais, que é a "mineiridade".

Os temas suscitados no Memorial permitem pesquisas acadêmicas – a minha é apenas um exemplo –, mas também pesquisas internas que ativem novos olhares sobre o que acontece dentro e fora do museu e como esse intercâmbio pode ser salutar.

Ressalta-se ainda a importância de um museu dessa natureza para atrair públicos não usuais de museus, movimentar o fluxo turístico e econômico da região, valorizar a cultura local, trazer questões e debates sobre a História e a Cultura em Minas Gerais e, por fim, ser um lugar capaz de fomentar debates sobre diversidade, direitos e acesso a bens culturais em suas múltiplas manifestações.

Exatos quatro anos depois de ter entrado pela primeira vez no Memorial, defendi o mestrado e, graças a isso e a todas as pessoas que generosamente colaboraram com depoimentos, dicas, conversas, fontes, inspirações, visitas e críticas, hoje atuo como museóloga e me dedico constantemente a pensar e propor formas de que os nossos museus sejam cada vez mais abertos, inteligentes e relevantes para a sociedade. Por isso, só tenho a agradecer a toda a equipe do Memorial.

Nesta primeira década de vida do Memorial Minas Gerais Vale, pudemos ver seu sucesso, sua relevância e sua consolidação. Agora, deixo aqui meus votos para um futuro ainda mais profícuo, pois sabemos que será desafiador: vida longa ao Memorial!



Foto: Guto Muniz

Depoimentos em redes sociais

Google e Tripadvisor

Eliane C.

"Amei! Nem queria sair de lá. Queria um dia inteiro para ver tudo."

Flavio H.

"Ótimo espaço para mostrar um pouco da história e da cultura mineira. O prédio histórico por si só é um espetáculo. Da última vez que fui, as crianças que nos acompanhavam receberam um kit de explorador para atividades lúdicas durante a visita. Estando em BH, não perca a oportunidade."

Hellen M.

"Que lugar maravilhoso! Muito incrível mesmo. Bom pra aprender sobre a História de Minas e excelente pra levar criança, ela aprende História sem perceber."

Ariane L. (2019)

*"**Maravilhoso**.*
Visita enriquecedora! Muito bonito e organizado! Dá uma visão geral da cultura local, fala da construção da cidade, da miscigenação dos povos e dos artistas locais!"

Ron W. (2018)

*"**Magnificent.***
Housed in a beautifully restored Building in Liberty Square this is not to be missed. Many exhibits showing history and culture of Minas Gerais. Learned more in one day than I had learnet in six previous trips to Minas. Hope to see it again before I leave."

Sabine A. (2016)

*"**Dê preferência!***
Vale cada minuto da visita! Se o tempo for curto faça opção por essa visita! Cada sala revela um pouco da história de Minas, cultura, lendas, costumes. O edifício por si já vale uma visita de tão bonito e conservado!"

Bruna N. (2015)

*"**Imperdível!***
Confesso que não gosto de museus e sou bem mais fã de ecoturismo do que turismo histórico, porém em um dia chuvoso que passei em BH, resolvi 'dar uma chance' a este museu. Ainda bem que choveu e eu tive a oportunidade de ir nesse lugar mágico e cheio de cultura! Amei demais!"

Sofia H. (2013)

*"**Ótima oportunidade de conhecimento!***
O museu é maravilhoso, grande, cheio de história e o melhor: totalmente lúdico.
É incrível o uso que eles fazem da tecnologia para garantir
o acesso de pessoas de todas as idade à história de Minas."

Colaboradores MMGV



Foto: Marcelo Coelho

Colaboradores que construíram estes 10 anos de história

Adolfo Borges Santos Alvimar Tiago dos Reis Amana Maris Ribeiro Greco Amanda Guimarães Pinto Ana Luíza Teixeira Neves Ana Paula Cabral Figueiredo Glória Angelo César Fernandes Dias Bernardo Pacheco Schuchter Bianca Dias Pereira Blenda Ferreira Vilaça Breno Tadeu de Pinho Tavares Barroso Bruna Betito Esbrilli Bruno Henrique Pinheiro de Azevedo Bruno Lelis de Souza Faria Carolina Nascimento Valadares Santana Carolina Paulino Alcântara Caroline Martins Soares de Oliveira Charles Junio Souza Claudiney Antônio Martins Cleves Maciel Valadares Cristina de Fátima Gil Santos Danira Morais da Silva Davide Chech Davidson Cézar Nunes Débora Raiza Carolina Rocha Silva Elenice Aparecida Martins Emanoel Cardoso Mendonça Ernst Kurt Clauss Felipe Assis Mariano Castro Flora Eduarda Fonseca Guimarães Gabriela de Mello Santos Brasileiro

Gerson Aquiles Mendes de Melo Guilherme Gresta Brant Gustavo Ruas Henrique Rocha Bedetti Isabela Nunes Abreu Costa Isabella Brandão Lara Isabella de Souza Figueira Isabelle Cristine Moreira Costa Jacqueline Castro Jaqueline Andrade Ferreira da Silva Jennifer Daniele Godinho Martins Jennifer Luany Miranda da Silva Juliana Cristina da Silva Juliana Martins de Castro Kelly Campos Teixeira Kimberly Alves Santos Larissa Gonçalves Sampaio Larissa Maria Santos Altemar Lauren Soledad Rial Araujo Lays Silva de Souza Leopoldo Marçal Maia Alves Liliane Augusta Moreira Luan Ferreira Silva Gouveia Luciano Heleno Leão Luiz Augusto dos Santos Júnior Luiz Gustavo Pessoa Brandão Luiz Gustavo Rodrigues Pereira Luiza Galvão Sampaio Cavalcanti Lyon Luna de Castro Goulart Mabel de Melo Faleiro Magno Marciano da Silva Marcela Ramos Botelho Apgaua Maria Luíza Corrêa Leocádio





Marinalva Maria de Sousa Maristella Medeiros de Paula Marla Maria de Queiroz Garcia Maryslãne Raissa de Freitas dos Santos Matheus Roberto de Queiroz Fleming Michelle Duarte Ferraz Santos Milena Maia e Silva Lago Nancy Maria Mora Castro Natália Martins de Oliveira Gonçalves Neuma Rosa Santana Oswaldo Lopes Filho Pamela Emilse Naumann Gorga Pauline Louise Araujo Silva Rafael Lopes Ferreira Rafael Maciel Dias Raquel D'Almeida Rocha Ricardo Cavalcanti Gomes Rômulo Dias de Oliveira Barros Santuza Bagno Mascarenhas Senra Sílvia Cristina da Silva Coelho Smally Gonçalves Rodrigues Stephanie Lorrany Barbosa Stephany Crystina dos Santos Lemos Suzy de Andrade Leite Thiago Carlos Costa Valdir Rodrigues dos Santos Vanessa dos Santos Assis Pereira Vinícius dos Santos Assunção Wagner Luiz Gomes Tameirão Wesley John Viegas Vilarino Zélia Lopes de Sousa



Foto: Guto Muniz



Foto: Guto Muniz



Foto: Guto Muniz



Foto: Guto Muniz



Foto: Guto Muniz



Foto: Guto Muniz



Foto: Netun Lima



Foto: Higor Barreto

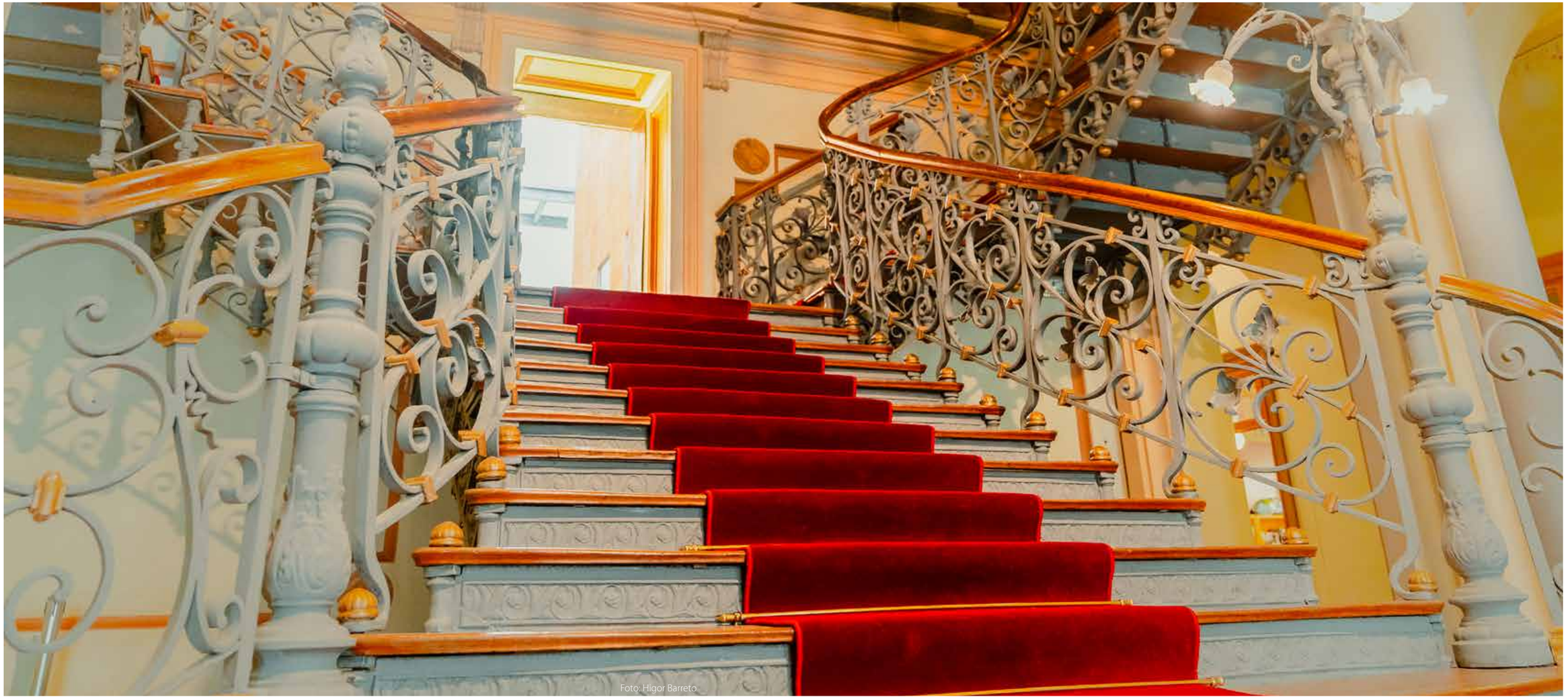


Foto: Higor Barreto